

COCA-COLA, CINEMA E *BLACK-OUT*: *Fortaleza nos anos 40 - uma cidade em tempo de guerra*

*Antonio Luiz Macêdo e Silva Filho**

Resumo

O texto aborda as influências e ressonâncias da Segunda Guerra Mundial em Fortaleza, destacando seus aspectos culturais e a dimensão do cotidiano. O impacto do conflito sobre a cidade trouxe consigo novos comportamentos, hábitos de consumo, o clima de guerra e a ameaça de bombardeio, bem como recrudescer tendências culturais presentes em fins dos anos 30 – a americanização, a influência do cinema de Hollywood, a defesa da moralidade tradicional, e a valorização do ideário moderno pela elite local.

Palavras-chave: Fortaleza, Segunda Guerra Mundial, cotidiano, cidade, americanização, cinema, moralidade, tradição, modernidade.

Em Maurília, o viajante é convidado a visitar a cidade ao mesmo tempo em que observa uns velhos cartões-postais ilustrados que mostram como esta havia sido: a praça idêntica mas com uma galinha no lugar da estação de ônibus, o coreto no lugar do viaduto, duas moças com sombrinhas brancas no lugar da fábrica de explosivos. Para não decepcionar os habitantes, é necessário que o viajante louve a cidade dos cartões-postais e prefira-a à atual, tomando cuida-

*Licenciado em História pela Universidade Federal do Ceará (UFC) e Mestre em História Social pela PUC-SP. O presente texto é, salvo ligeiras alterações, parte da pesquisa desenvolvida como bolsista do PET/CAPES (Programa Especial de Treinamento) no período 1996-1997, sob a orientação do Professor Dr. Eurípedes Antônio Funes (Depto. de História/UFC).

do, porém, em conter seu pesar em relação às mudanças nos limites de regras bem precisas: reconhecendo que a magnificência e a prosperidade da Maurília metrópole, se comparada com a velha Maurília provinciana, não restituem uma certa graça perdida, a qual todavia, só agora pode ser apreciada através dos velhos cartões-postais, enquanto antes, em presença da Maurília provinciana, não se via absolutamente nada de gracioso, e ver-se-ia ainda menos hoje em dia, se Maurília tivesse permanecido como antes, e que, de qualquer modo, a metrópole tem este atrativo adicional – que mediante o que se tornou pode-se recordar com saudades daquilo que foi.

(Italo Calvino, *As cidades invisíveis*)

O carnaval de rua de Fortaleza em 1946¹ pode ser considerado inusitado por pelo menos dois motivos: por um lado, foi o primeiro festejado após o término da Segunda Guerra Mundial, sem a corrente apreensão de um bombardeio nem o incômodo toque de recolher; por outro lado, nele estreava um novo bloco, que causou grande entusiasmo na platéia e veio a se constituir numa das principais atrações dos carnavais vindouros – o irreverente *Cordão das Coca-Colas*. Esse bloco era formado por sargentos da Aeronáutica que satirizavam as moças da sociedade local que namoravam os soldados norte-americanos alocados na base aérea aqui estabelecida, ao tempo da guerra. Semelhante condição lhes valeu o espirituoso epíteto de *Coca-Colas*, pois detinham um relevante privilégio à época em questão: beber o refrigerante que adquirira fama nas telas do cinema hollywoodiano e que, até então, só poderia ser degustado com os olhos e a imaginação, uma vez que inicialmente não podia ser encontrado no comércio local, constituindo ainda *suprimento de guerra* dos militares de Tio Sam. Essas jovens notabilizaram-se ainda por sua liberalidade comportamental: chamavam a atenção dos tran-

seuntes por sua sensualidade e beleza, trajavam requintados e provocantes vestidos, passeavam com a soldadesca estrangeira e participavam de festas até altas horas da madrugada na Vila Morena, corriqueiro ponto de encontro dos oficiais ianques.

De fato, o impacto causado por essas senhoritas pode ser vislumbrado mediante o depoimento do general José Góes de Campos Barros (entrevista realizada em 1996). À época capitão do Exército e delegado da Ordem Pública e Social, ele se refere aos soldados norte-americanos e à moralidade dos relacionamentos afetivos entre as camadas médias e ricas na Fortaleza de então:

Bem, eles vinham todos interessados, natural, né, eles queriam namorar o mais que podiam [...] E a gente aqui, naquele tempo, uma pessoa que se beijasse na rua era, era um verdadeiro crime. Naquele tempo acontecia que ia [...] namorava pra se casar, a gente chegava na casa da moça, ficava sentado ali, mas a família vigiando, que é pra não se beijarem de perto [...].

Vale ressaltar que as *Coca-Colas* provinham, em sua maioria, dos segmentos médios ou da classe mais abastada, não estando, portanto, premidas pela carência financeira nas suas relações afetivas com os soldados de Tio Sam. Ao fim da Segunda Grande Guerra, os rapazes de Roosevelt voltaram para os Estados Unidos e parte dessas moças com eles embarcaram e lá contraíram matrimônio. Pode-se notar, ainda, o impacto causado por essas senhoritas, em geral de *boa estirpe*, tomando como documento um relato do memorialista Marciano Lopes, no qual o misto de perplexidade e incompreensão parece denotar o furor por elas provocado diante dos segmentos sociais mais conservadores da capital (em especial a Igreja e alguns intelectuais católicos):

O que causa mais estranheza e que torna o capítulo *Coca-Colas* um fenômeno sem explicações é o fato de que, sendo Fortaleza, naqueles idos, uma ingênua província de cerca de duzentos mil habitantes, apenas dez por cento da população atual, tenha surgido um punhado de moças para enfrentar todos os preconceitos da moral cristã da época, afrontar as próprias famílias e, o que é pior, as maledicências dos vizinhos, numa atitude que, até nos dias atuais ainda chocaria muita gente (LOPES, 1996, p. 120).

O caso das *Coca-Colas* constitui apenas um dos vários exemplos de mudança no cotidiano de Fortaleza, operada, em boa medida, pelo advento da Segunda Guerra Mundial. O conflito imprimiu à cidade transformações nos comportamentos, seja no concernente à mobilização defensiva organizada pelas autoridades públicas e no recrutamento de contingentes civis para as Forças Armadas, seja em sua dimensão menos normativa, atinente aos hábitos de consumo surgidos com os produtos industrializados oriundos dos Estados Unidos, à americanização, à configuração das espacialidades e ao desejo de modernização – processos que Fortaleza passa a vivenciar ao tempo da conflagração, mas cuja ressonância e intensidade ganhariam maior corpo ao longo de toda a década de 40 e nos decênios seguintes. Afinal, como ocorreram tais mudanças? Em que medida a Segunda Guerra se viu incorporada no dia-a-dia da cidade? De que maneira o advento da guerra teria contribuído para a celerização de transformações implementadas a médio prazo no espaço e na sociabilidade urbana da capital cearense?²

Nesse momento, caberia uma ressalva: lidar com o cotidiano permite tanto compor uma narrativa histórica quanto dar-lhe os contornos de uma tessitura social, cujo entendimento não pode prescindir da interpretação. A abordagem do cotidiano propicia uma melhor apreensão do *espa-*

ço que medeia a norma e o vivido, configurando tensões nos interstícios sociais presentes entre a injunção e a prática, entre o instituído e o (re)apropriado, de acordo com os tempos e lugares historicamente constituídos:

Sempre relegado ao terreno das rotinas obscuras, o cotidiano tem se revelado na história social como área de improvisação de papéis informais, novos e de potencialidade de conflitos e confrontos, em que se multiplicam formas peculiares de resistência e de luta (DIAS, 1995, p. 14).

Como bem exprimiu Ítalo Calvino, uma cidade não relata diretamente seu passado, mas o mantém guardado, discretamente, na inscrição de seus espaços físicos, vestígios materiais e marcos subjetivos, além do infinito entrecruzamento de memórias plurais, singularizadas e partilhadas por seus habitantes.³ O passado se corporifica à medida que imprime contornos de sentido ao tempo presente, confere-lhe conteúdo semântico para dissipar o caos da indiferenciação, introjetando no espaço da cidade diferentes escalas de valor simbólico. E em Fortaleza a guerra de 1939-1945 ressoou mais intensamente em espaços diretamente ligados ao cenário da conflagração. Dentre estes, poder-se-ia destacar: o Pici (pronúncia inglesa para a sigla correspondente a *Post of Command*), área que de início sediava a base norte-americana em Fortaleza, cuja notoriedade está, em parte, implícita no próprio fato de que, até hoje, o local ainda conserva o nome presumidamente consagrado nos anos 40, embora certos autores defendam sua procedência, anterior, de um dialeto indígena; e o United States Organization - USO – (atual restaurante/bar Estoril), clube dos oficiais ianques (na época denominado Vila Morena), tendo-se tornado posteriormente um dos pontos de encontro da boêmia de Fortaleza. Locais distintos e papéis sociais diferenciados: o espaço do dever, do trabalho

craterioso, da hierarquia, da preparação ao combate; e o espaço do lazer, do esparecer, da diversão após um dia de muitas ordens e continências. Da ação metódica dos ritos militares à atividade lúdica, de um lado a outro do espectro social, a cidade incorporava a guerra em seu cotidiano, ainda que, em termos efetivos, os combates ocorressem do outro lado do Atlântico.

Outro lugar bastante freqüentado pelos *boys* (designação de época imputada aos norte-americanos) era o bar *O Jangadeiro*, na Praça do Ferreira. Lá ocorreu também uma sutil mudança nos costumes locais, digna de nota: quando os militares ianques pediam uísque, naquele momento em falta no mercado local, os garçons serviam aguardente, à qual os estrangeiros adicionavam a Coca-Cola, sendo tal mistura bastante apreciada. De acordo com as memórias de Alberto Galeno:

[...] como no Ceará as elites costumam macaquear tudo o que fazem os estrangeiros, logo se tornou moda beber cachaça misturada com a coca. A partir de então a cachaça ganhou status de bebida de classe. Perdeu a triste fama de bebida de desclassificados sociais, para ganhar o título de uisque nacional. Para beber cachaça os 'filhos de família' [jovens pertencentes às famílias mais distintas de Fortaleza] já não o faziam escondidos por trás dos 'reservados' dos botequins. Faziam abertamente, para quem quisesse ver. Agora beber cachaça com Coca-Cola tornara-se moda (GALENO, 1991, p. 39).

Essa passagem expressa a crítica de um intelectual aos grupos sociais dominantes, insinuando mesmo seu pouco lastro cultural – fragilidade que redundaria nas mais diversificadas formas de dependência aos paradigmas setentrionais de civilização e pujança material. Ora, mais que simplesmente *macaquear* hábitos estrangeiros, a postura de tomar a singular combinação de cachaça e Coca-Cola implica a eleição de um signo moderno, oriundo de uma nação

industrial e próspera, um produto que congrega menos um papel funcional e mais um valor simbólico, conferidor de notabilidade a quem o utiliza. Ademais, a aguardente não adquiriu *status* mais elevado, como quer o autor, na medida em que sua notoriedade se fazia em função do refrigerante. Sem a bebida estrangeira a cachaça continuava a ser referência característica para as camadas de baixa renda.

Caberia nesse momento ressaltar a compreensão de que a Segunda Guerra não correspondeu propriamente a um marco inaugural de difusão do *American way of life* ou de surgimento explosivo de novas condutas sociais em Fortaleza. Pensá-la dessa maneira seria obnubilar a conjuntura precedente e tomar o conflito mundial isoladamente, negligenciando o reticulado de relações que permeiam sua dimensão macrodimensional e sua inserção no cotidiano de uma cidade em particular. Vale, pois, esboçar uma breve apreciação de Fortaleza em fins dos anos 30 e início dos 40, centrando ênfase sobre dois aspectos caros à abordagem ora em curso: a influência do cinema de Hollywood na propagação de posturas e valores adstritos ao *Yankee lifestyle*; e as modalidades de modernização que a cidade passa a vivenciar no período em questão (tanto a desejada pelas elites locais quanto a operada fora de sua alçada).

1. No tempo em que a guerra parecia distante

Desde os alvares dos anos 40 pode-se observar um esforço articulado dos Estados Unidos objetivando erigir solidamente uma base político-militar de apoio nas Américas. Todo este movimento geopolítico, iniciado com menor consistência já em meados da década de 30, buscava dirimir a incômoda presença germânica no continente extremo-ocidental, fortalecendo progressivamente os laços diplomá-

ticos e econômicos entre as nações americanas, obviamente capitaneadas pelo Grande Irmão do Norte. Nota-se, portanto, o desenrolar incipiente do ideário pan-americanista, a consecução de alianças políticas e a paulatina *enxurrada cultural* que antecedeu o ingresso dos EUA na Segunda Guerra Mundial (07/12/1941).⁴

Nesse sentido, o cinema hollywoodiano se insere como um dos principais veiculadores de uma suposta matriz identitária continental, tomando por base alguns aspectos da sociedade ianque, dimensionados por um filtro ideológico – a forte industrialização, a liberalidade dos costumes, o espírito empreendedor do homem americano, o senso de utilitarismo, a inserção da mulher no mercado de trabalho, a beleza provocante das musas e galãs, o apelo ao individualismo, a sedução do consumo.⁵

A documentação até agora examinada mostra que, em Fortaleza, o fascínio exercido pelo cinema, notadamente o norte-americano, era de grande magnitude, não somente pelo ato de assistir ao produto fílmico propriamente dito, mas – e talvez principalmente – pelo espaço de sociabilidade ali constituído. As sessões de exibição revestiam-se de um significado bastante expressivo, externado no ritual de homens e mulheres que acompanhavam as matinês e vesperais – trajes elegantes, belos vestidos, chapéus de longas abas, penteados cuidadosamente executados, o melhor par de sapatos, adornos selecionados, um toque de maquiagem, borrifos de um bom perfume. A estrutura arquitetônica das casas de projeção mais requintadas (Majestic, Diogo, Moderno) também guardava ares de uma certa opulência, manifestada nas paredes bem ornamentadas, nos suntuosos candelabros das ante-salas e nas poltronas nem sempre muito confortáveis.

Parece mais significativo, porém, salientar que a popularidade do cinema transcendia as camadas mais abasta-

das, conquistando também os menos aquinhoados. Um indício revelador da força atrativa da sétima arte corresponde à quantidade de estabelecimentos em meados dos anos 40: havia aproximadamente quinze cinemas, alguns deles alocados em bairros mais distantes.⁶ Numa cidade de quase 200 mil habitantes, onde praticamente todas as atividades de troca e circulação material e cultural ainda giravam em torno do centro, a difusão territorial das salas de projeção atesta o encanto da população local pelo cinema (em especial o de origem ianque). Com respeito a essa questão, Marciano Lopes, memorialista de Fortaleza nos decênios de 40 e 50, expressa claramente a influência cultural propagada pela sétima arte, inclusive na construção de padrões de beleza e elegância:

Nos idos de 45, Hollywood vivia seu esplendor máximo, o período chamado 'superstelar', com suas esfuziantes estrelas, autênticas deusas da beleza e do 'sex-appeal'. Difícil seria explicar, para as gerações de agora, o fascínio, o carisma, a magia que Hollywood exercia sobre as pessoas, em todo o Mundo. Era o sonho e a fantasia levados às últimas conseqüências: mulheres magníficas, filmes plenos de charme, galãs que eram a síntese dos anseios femininos: a masculinidade, a beleza, o talento (LOPES, 1996, p.109).

A análise documental tem sugerido que, no concernente à Fortaleza, o cinema, em seu vetor hollywoodiano, constituiu uma das mais destacadas portas de entrada de valores e temáticas tidos como extremamente deletérios pela matriz conservadora, sejam eles: o divórcio, a sensualidade, os romances extra-conjugais, o secularismo, a emancipação feminina, as paixões arrebatadoras. As cenas e personagens repletos de charme e sensualidade completavam a atmosfera de sedução, contra a qual se insurgiam acerbamente os arautos dos bons

costumes e da *civilidade*. Reiterando tal posição, O Nordeste – porta-voz da arquidiocese de Fortaleza, bastião da imprensa católica cearense e um dos jornais de maior circulação na capital – recomendava aos seus leitores muita cautela e bom senso na escolha dos filmes. O cabeçalho da seção Cinemas e Teatros buscava sensibilizar as almas cristãs contra o desvario das mundanidades:

‘Quer ir ao cinema ou ao teatro? Não se esqueça de recorrer à Censura de FILMES E PEÇAS TEATRAIS. - Não se deve assistir a um filme ou a uma peça teatral sem ter a certeza de que seja pelo menos ACEITÁVEL. É questão de consciência. Apreciações do ponto de vista moral, social e artístico’. Logo após essa criteriosa advertência, procedia-se a um sucinto comentário crítico de cada filme em cartaz, dentre os quais se destacam os seguintes (apreciações referentes a abril/1940):

SÓ PARA ADULTOS pouco impressionáveis
PODE SER VISTO

Não é recomendável mesmo para adultos

NÃO CONVEM A CRIANÇAS

TOLERÁVEL para adultos de critério formado

Não serve para nenhum público

[...] sem maiores arranhões na moral

Divorcio, escabrosidades, sensualismo e até heresia

[...] filme não só pernicioso para crianças e adolescentes, mas também prejudicial para adultos sem critério formado

[...] não convem a adolescentes, mas para adultos constitui espetáculo DIGNO DE SER VISTO (O NORDESTE, abr. de 1940).

Como se percebe, as invectivas se concentram no desrespeito aos valores morais tão caros à sociedade cristã local, inspirada no catolicismo romanizado. O tom discursivo, presente em toda a seção, evoca reiteradamente o apelo à consciência do leitor, a fim de zelar pelos bons costumes, defender a ordem social e fazer frente aos exemplos perniciosos.

ciosos exibidos nas telas. O cuidado do católico atuante quanto à seleção das películas que realmente inspirem o exercício dos princípios religiosos, constitui não apenas um dever, mas também ganha um teor missionário.⁷ Nesse sentido, cabe ao seguidor de Cristo precaver-se contra as práticas que incitam o laicismo, o hedonismo, o pensamento racionalista, os comportamentos heterodoxos e os motivos seculares, na medida em que transgridem as normas do agir católico preconizado pela hierarquia clerical.

Investigando a procedência dos filmes, há que salientar a esmagadora prevalência das grandes produtoras norte-americanas (Columbia Pictures, 20th Century Fox, Metro-Goldwin-Mayer, Paramount Pictures, Universal Studios, Warner), que detêm aproximadamente dois terços das películas contempladas no levantamento de fontes. Portanto, ao menos no que concerne à sétima arte, a superioridade ianque (via Hollywood) era patente e inelutável, antes mesmo da entrada oficial dos Estados Unidos e do Brasil na conflagração mundial – tendência notoriamente passível de recrudescência após a tomada de Paris por hostes nazistas (junho/1940), como asseverou o historiador A. P. Tota:

Comparada à produção alemã, mesmo levando em conta a tradição do cinema do tempo da República de Weimar, a cinematografia americana estava em situação privilegiada. Com a guerra, os filmes alemães já não alcançavam, depois do bloqueio britânico, nosso continente. O cinema americano ficou livre da concorrência e com isso se impôs absoluto (TOTA, 2000, p. 62).

Paralelamente a seu desagrado com o cinema, a Igreja Católica verberava contra a urbe desregrada em que Fortaleza se transformara, opondo-se com veemência à permissividade dos hábitos que grassava a loura desposada do Sol (famoso epíteto cunhado pelo poeta Paula Ney

para designar a capital cearense), como se pode atestar no seguinte fragmento d'O Nordeste:

A despeito da multiplicação dos colegios e centros educacionais, muita gente pertencente a camadas sociais distinguidas ainda não se acercou de noções corriqueiras de civilidade e urbanidade.

Efeito de uns tantos desregramentos de época, fruto talvez de uma certa desorientação moral dos novos tempos, o fato é que, na lida diária, depara-nos com cenas perfeitamente estranháveis pela exata e boa educação privada.

Nos bondes é o rapazinho despreocupado, que mantém conversação picante com um parceiro, em menosprezo flagrante às regras mais triviais de civilidade. Depois disso é a locução da giria, com um conteúdo mais ou menos torpe, a ser declinada insensivelmente por gente que se presume educada. Nos cinemas é o hábito de fumar, o inveterado e incorrigível hábito, que tanto contraria os fóros de uma cidade civilizada. Em escritórios, em repartições, nos pontos de jornais, por toda parte o incidente diário, a nota permanente dos indivíduos incivis e mal-educados (O NORDESTE, 12 de maio de 1939, p. 4).

A crítica acrimoniosa está centrada em *uma certa desorientação moral dos novos tempos*, sinal da decadência comportamental trazida pela avalanche moderna que assolava a cidade. Com efeito, a modernização local apresentava-se marcada por um tom nitidamente moderado, no qual se inscrevia a relação entre a cidade, que almejava o desenvolvimento capitalista via aquisição de equipamentos tecnológicos, e a cidade ancorada na tradição cristã, na ardorosa defesa dos *bons costumes*, intolerante defronte as condutas menos ortodoxas e o descaso com a preservação da moralidade.

Num texto publicitário sugestivamente intitulado "Tudo marcha para a frente", podemos depreender mais alguns indícios dessa idéia de moderno direcionada para o viés do aperfeiçoamento tecnológico:

A humanidade avança, a passos cada vez mais rápidos, pela estrada do Progresso.

As modernas invenções aceleraram a vida e anularam as distâncias, pelo aumento alucinante da velocidade.

Existem, contudo, no mundo, pessoas que se queixam desse vertiginoso progresso e se confessam saudosas dos 'bons tempos' da vida simples, tranquila e patriarcal.

Mas, enquanto esses saudosistas suspiram, passa por eles o Tempo, no avião velocíssimo do progresso.

E seria, porventura, mais agradável a vida, se retornássemos às condições de cem, de duzentos anos passados? Andariamos a pé até a aldeia próxima, em vez de rodar até lá a 100 quilômetros a hora; lavrariamos o campo com a enxada, em lugar de utilizar o arado; em vez do transatlântico, da estrada de ferro ou do aeroplano, viajaríamos em barco a vela, em carro de bois ou a cavalo⁸ (O NORDESTE, 08 de maio de 1939, p. 3).

Na passagem selecionada, averigua-se a noção de inexorabilidade histórica: o progresso se converte no destino manifesto da humanidade, constitui-se no fio condutor de uma história teleológica. O encurtamento das distâncias, a celeridade do tempo, o aprimoramento da produção material constituem os signos de um futuro que já se presentifica, imprimindo à enunciação um teor de concretude que a legitima no instante imediato. Como bem observou Beatriz Sarlo (1997, p. 251): "Na modernidade, o presente exhibe sua força, não sua provisória debilidade, porque nele estão contidas as promessas do futuro." No caso, é a aceleração da história que marca o tom do período. Outrossim, merece ressalva, no fragmento supra, a reiterada diferença entre os tempos passados – repositórios da singeleza, da lentidão e do patriarcado – e o momento presente, posto a enveredar por um caminho predizível rumo ao progresso. Na antinomia entre os tempos (passado *versus* presente) tem lugar "a consciência da modernidade

[que] nasce do sentimento de ruptura com o passado”⁹ (LE GOFF, 1996, p. 169).

Fortaleza nos anos 40 compõe um quadro em que tradicionalismo e modernidade se digladiam. Para fortalecer seu discurso, o pensamento conservador – emanado em grande medida de intelectuais adstritos às elites locais e/ou à Igreja Católica (Teles da Cruz, Andrade Furtado, Mozart Soriano Aderaldo, Luís Sucupira, entre outros) – incorpora a dimensão instrumental do ser moderno (industrialização, crescimento econômico, racionalidade produtiva, avanços técnico-científicos), expurgando seu caráter mais evanescente, secular e volátil, no qual *tudo que é sólido desmancha no ar*. Ora, essa fugacidade moderna imprime ao mundo social uma imanentização generalizada, despindo, em certo sentido, preceitos, crenças ou ações normativas de sua aura sacrossanta. É esse avanço da dessacralização (tão caro à reflexão weberiana da modernidade) que passaria a preocupar tanto o corpo eclesiástico quanto os segmentos mais devotados do laicato católico. Já na década de 30 (e mesmo antes) a discussão religiosa em torno dos tempos modernos integra a construção de um pensamento político autoritário, assentado na primazia da Igreja (sede do poder espiritual), na denegação da sociedade liberal, vista como decadente e corrupta, e na defesa de um Estado forte, capaz de manter o controle ideológico e as hierarquias constituídas. Esse discurso autocrático tem ressonância na ortodoxia católica e no recrudescimento das virtudes cívicas e morais, conforme destaca um texto do jornal O Nordeste, de 1930:

Há, pretensamente, uma subversão completa dos princípios da disciplina nos domínios da administração pública. O democratismo com a sua fórmula clássica de liberdade, igualdade e fraternidade veio estabelecer imensa balbúrdia na concepção da hierarquia, nos regimes republicanos. A impiedade cultivada pelo sistema agnóstico vulgarmente chamado

laicismo - forçosamente teria de arrastar as massas às explosões da revolução social. A Igreja é, no século presente, como foi em todos os tempos, a grande escola de obediência e de respeito à ordem (apud MONTENEGRO, 1989, p. 354-355).

Estabilidade política, rigidez normativa, hierarquia social constituem pilares fundantes de uma reflexão ideológica francamente tributária do tradicionalismo católico. No combate às idéias progressistas, aos novos comportamentos da vida urbana, ao clássico corolário moderno que preconiza a autonomia dos indivíduos e as instituições democráticas, o pensamento conservador mobiliza a autoridade da Igreja, a submissão aos imperativos da ordem, a valorização da moralidade, propondo modelos de coesão comunitária a fim de mascarar tensões e conflitos entre os diversos grupos sociais e seus interesses políticos. Em apoio a suas formulações teóricas, o ideário tradicional e católico invocaria

[...] aqueles *valores eternos* que formam uma utopia regressista bem caracterizada. O presente não é outra coisa, senão o lugar mediador entre o passado absoluto e o futuro que quer resgatá-lo (MONTENEGRO, 1992, p. 11 - grifos do original).

Interessante perceber o contraste advindo da complexa aglutinação entre a cidade da ordem e da tradição, impregnada de valores religiosos, e a cidade da transformação, do movimento e da velocidade. Marciano Lopes, em suas lembranças de criança, constrói uma descrição do almoço dominical, destacando a circunspeção e o ritualismo que, segundo ele, compunham a rotina de um número considerável de famílias de Fortaleza:

O almoço de domingo, além de constituir-se reunião da família, era, também, uma espécie de liturgia, a mesa o sacro altar. O ato de comer, respeitoso e solene, hoje, totalmente em

desuso, era belo. Quase tão belo quanto a liturgia da Missa. Era assim, pelo menos entre as famílias de tradição e de sólida formação cristã. [...] Tempos bons, tempos de fartura, quando as tradições eram obedecidas, quando a família compreendia a composição e reunião de seus membros, quando uma refeição era um ato sagrado (LOPES, 1996, p. 115-116).

Nessa visão idílica de Marciano Lopes tem lugar a construção idealizada de Fortaleza no imaginário cristão. As tramas da memória se prestam, com alguma frequência, a tentativas de entronização do passado, percebido como nicho de uma estabilidade ainda desejada, porém esgarçada na contemporaneidade. Não admira, portanto, a evocação de uma idade de ouro, um tempo da abundância material e da riqueza espiritual, externada no regramento da família, no respeito à hierarquia doméstica, no regaço do lar, no rito solene do alimentar-se – componentes primários da atmosfera de inefável sacralidade que habitava os lares mais piedosos. Para reportar à cidade, supostamente tomada de fervor religioso, o memorialista descreve uma atividade familiar de grande apelo simbólico: o momento da refeição coletiva, de fácil analogia com a ceia eucarística. O almoço dominical chega a ser considerado uma liturgia, ou seja, um culto público e oficial instituído por determinada igreja: o conagraçamento dos parentes ganha a aura de um microcosmo religioso. Na partilha do alimento, as tensões se dissipam diante de uma imagem mítica, confortante, acolhedora, que integra diferenças num arranjo disciplinado e ordeiro. É no mínimo sugestiva a correlação entre cotidiano urbano e ortodoxia católica, cujo ponto de convergência não seria outro que a família cristã, núcleo privado de irradiação e reprodução do tradicionalismo devocional, em que as turbulências da vida diária são aplacadas pela força de rituais em sintonia com o sagrado.⁹

Por seu turno, é no espaço público, *locus* de apresentação da cidade em contínua mudança, propício ao anonimato e impessoalidade das relações, que a modernização se faria sentir mais intensamente. Circunstância que potencializa novos gestos e percepções da paisagem urbana, exacerbando as negociações conflituosas dos habitantes com a dinâmica do tráfego e a presença das máquinas, em meio a uma experiência urbana paulatinamente marcada pela rapidez da circulação. Pode-se perceber tal *ligeireza* a partir de um anúncio do *Tonofosfan* (medicamento da Casa Bayer):

Nunca se deu tanto valor aos segundos ou às suas frações, como atualmente.

Até pessoas desocupadas e que perdem horas e horas em conversas fiadas, dão extraordinário valor aos segundos [...] quando se acham dentro de um automovel.

Impacientam-se, irritam-se quando têm de dar passagem a outro carro ou quando são forçados a atender a um sinal luminoso.

Querem correr, voar, chispar! Sofrem do delírio da velocidade! Um fração de segundo de espera representa-lhes um martírio.

Incapazes de controlar seus ímpetos, querem estar sempre na dianteira, mesmo à custa da própria vida e, o que é pior, da vida dos outros.

No geral as pessoas que se entregam à *mania da velocidade* são vítimas de um desequilíbrio humoral, que as torna sofregas, precipitadas e perigosas (O NORDESTE, 04 de maio de 1939, p. 5).

A passagem dá conta de uma cena primordial da cidade moderna: a intensidade do tráfego urbano de pessoas e mercadorias, que traz consigo a sensação de desordem e insegurança. No entanto, a principal marca do controle exercido pelo poder público já se encontra gravada, ainda que de forma rarefeita e incipiente, nas vias do Centro de Forta-

leza: é o *signal luminoso*, ou semáforo, destinado a conter os impulsos anárquicos da circulação da cidade e conferir-lhe ordenamento, dar-lhe a conformação de um sistema. A questão é que essa dissipação da impressão de caos, sob o encargo da razão reguladora do espaço urbano, vê-se comprometida por um imperativo caro à própria noção de moderno, qual seja: o *delírio da velocidade*. Desse modo, o irresistível ímpeto capitalista de movimentar-se, cada vez mais rápido e com menor dispêndio de tempo, subverte potencialmente o mecanismo de controle implementado pela razão gestora da cidade, e fragiliza a atmosfera de segurança que a urbe supostamente deveria garantir. No entanto, deve-se ter em conta que “aquela aparente desordem [...] é, na verdade, o mais alto grau de ordem burguesa” (DOSTOIEVSKI apud BERMAN, 1986, p. 85). Nesse sentido, os indivíduos que acedem ao impulso da velocidade não representam tão-somente *vítimas de um desequilíbrio humoral*, a serem tratadas com o eficaz medicamento da Bayer; para além de motoristas inconseqüentes e descontrolados, essas pessoas estão a compor um quadro muito mais amplo – o universo da troca e da circulação constituído na cidade moderna e irremediavelmente pautado pela celeridade e o risco, potencial ou iminente, de sucumbir no fluxo contínuo de transeuntes, veículos e mercadorias.

O homem na rua moderna, lançado nesse turbilhão, se vê remetido aos seus próprios recursos – freqüentemente recursos que ignorava possuir – e forçado a explorá-los de maneira inesperada, a fim de sobreviver. Para atravessar o caos, ele precisa estar em sintonia, precisa adaptar-se aos movimentos do caos, precisa aprender não apenas a pôr-se a salvo dele, mas a estar sempre um passo adiante. Precisa desenvolver sua habilidade em matéria de sobressaltos e movimentos bruscos, em viradas e guinadas súbitas, abruptas e irregulares – e não apenas com as pernas e o corpo, mas também com a mente e a sensibilidade (BERMAN, 1986, p. 154).

É justamente essa vaga que passa progressivamente a tomar conta da capital cearense com a entrada do Brasil no confronto mundial e o estacionamento da base militar norte-americana. Os soldados ianques conferiram ainda maior dramaticidade à experiência social que circunscrevera Fortaleza nos rumos da Grande Guerra. Vivia-se uma sensação de profunda dubiedade, que era o fato de simultaneamente ocupar o palco e a platéia do conflito. Enquanto as cenas da tragédia se desenrolavam, a população fazia as vezes de espectadores e/ou atores naquele teatro de sombras. Cabe-ria, agora, entrever a imersão de Fortaleza nesse momento de beligerância e escutar as ressonâncias da guerra no cotidiano da cidade.

2. Cenas de conflagração: a ambiência da guerra em Fortaleza

A Segunda Guerra Mundial, que antes parecia distante, circunscrita ao Velho Continente e adjacências, começava a se avizinhar gradativamente do Brasil a partir do ataque japonês à base norte-americana de Pearl Harbour (Havaí). A entrada de Tio Sam no combate contra o Eixo (dezembro/1941) pesou sobremaneira no alinhamento nacional ao bloco dos Aliados. Na verdade, o rompimento da neutralidade do governo Vargas parecia uma questão de tempo, uma vez que a influência política e econômica da Águia americana sobre o continente reduzia sensivelmente as possibilidades de adesão do Brasil às forças italo-nipo-germânicas, a despeito das estreitas afinidades ideológicas que cooptavam segmentos da cúpula militar e do Estado Novo ao ideário fascista. Paulatinamente, o Brasil transitou da neutralidade formal à cobeligerância, em virtude de sua gradual colaboração com o governo dos Estados Unidos. A retaliação do Eixo foi incisi-

va: vários navios mercantes sob o pavilhão verde-amarelo afundaram devido ao virulento torpedeamento executado por submarinos alemães, em julho e agosto de 1942.¹⁰ O incidente serviu como o pretexto que faltava ao governo Vargas para decretar oficialmente sua participação no conflito. Aliás, a política externa brasileira, em 1942, estava marcada pela progressiva dissolução da *equidistância pragmática*,¹¹ aproximando irreversivelmente a nação do cenário beligerante, através das seguintes medidas: rompimento de relações com o Eixo (janeiro), fechamento de acordos políticos e militares com Washington (fevereiro/março), elaboração de um acordo militar secreto entre os dois países com vistas à defesa do território brasileiro (maio), e declaração de guerra contra a Alemanha e a Itália (agosto).

E em Fortaleza a atmosfera do conflito mundial, antes tão difusa, passava a ganhar espaço no cotidiano da cidade. O sentimento reinante na população local correspondia, majoritariamente, a uma forte ojeriza contra as hordas nazifascistas – situação que se agudizou sensivelmente após a vitimação de centenas de civis nas investidas do Eixo às embarcações nacionais. Um exemplo significativo foi o movimento organizado por *chauffeurs* de ônibus e caminhões alocados em Fortaleza e outras partes do Estado: no *Independence Day* (04 de julho: data da emancipação ianque) realizaram uma homenagem aos Estados Unidos acionando as buzinas de seus veículos, exatamente ao meio-dia (UNITÁRIO, 30 de jun. 1942). Mais que evocação de um suposto espírito pan-americano, a ensurdecadora manifestação dos motoristas denota o clima que a cidade exalava no tocante à Segunda Grande Guerra, assinalando um progressivo envolvimento cotidiano da população nas vicissitudes do conflito.

Por situar-se no ponto mais estratégico do continente americano (a costa litorânea do Nordeste), o temor de um

possível ataque efetuado pela *Wehrmacht* (a máquina de guerra alemã) ganhou certa pertinência, daí porque verifica-se um notório esforço das autoridades públicas de Fortaleza em tecer orientações à população, no sentido de levar a efeito a defesa passiva da cidade. As instruções foram divulgadas e distribuídas sob a forma de cartazes, a cargo do Comando da 3ª Brigada de Infantaria. A difusão dessas medidas se fez também em jornais da cidade, denotando a urgência em preparar os habitantes para os transtornos de um eventual ataque, por via aérea ou marítima. Desse modo, o Correio do Ceará, vespertino pertencente ao grupo dos Diários Associados, trouxe em suas páginas uma matéria acerca dos resultados da campanha de defesa da capital:

Pelo que observámos, a população está sendo muito bem orientada.

Assim, por exemplo, está sendo ensinado ao povo que o sinal de alarme aereo é dado, avisando a aproximação do inimigo, através de sirenes, sinos e apitos ligeiros e repetidos em curto espaço de tempo. Dado o sinal de alarme, os pedestres em trânsito deverão abrigar-se nos predios mais proximos do local em que se acharem, sejam casas comerciais, igrejas ou edificios publicos, lembrando-se que as escadas são bons abrigos de emergência. Aconselham as instruções ontem divulgadas que, nas areas descobertas, os individuos devem deitar-se debruço, procurando escapar aos efeitos das explosões (CORREIO DO CEARÁ, 27 de jul. de 1942, p. 3).

De acordo com as instruções destinadas à população em geral, exortava-se a necessidade de manter a calma e evitar *correrias e atropelos* em estabelecimentos de freqüência coletiva. Caberia à Inspetoria de Trânsito garantir o livre fluxo de pedestres e veículos nas principais ruas da cidade, devendo os motoristas estacionar seus carros e/ou ônibus de modo a não congestionar o tráfego. Ficariam, ainda, vetadas quaisquer ligações telefônicas, objetivando pôr o dito servi-

ço inteiramente à disposição das autoridades públicas. Quanto às luzes de casas residenciais e residências coletivas, recomendava-se que fossem totalmente apagadas, uma vez que simples réstias e sinais luminosos representavam um perigosíssimo chamariz às aeronaves inimigas. Superestimar o potencial bélico do Eixo representava, para o discurso oficial, uma oportunidade valiosa de garantir a adesão da população civil aos enquadramentos disciplinares.

Trabalhos recentes articulando memórias, cotidiano e ressonâncias da Segunda Guerra em cidades brasileiras, propõem uma argumentação relevante no que tange às ligações entre controle social e conjuntura beligerante, a exemplo das ameaças de bombardeio, de resto nunca consumadas. Assim, Roney Cytrynowicz (2000), que esquisou a incidência da conflagração sobre a metrópole paulista, observa o intuito do Estado Novo em promover estratégias que criassem efeitos de mobilização total da população brasileira, tais como: a *batalha da produção* (simulacro de um esforço de guerra assentado no esmagamento das reivindicações operárias, na supressão de direitos trabalhistas, na intervenção militar em instalações fabris e na ampliação arbitrária da jornada de trabalho em diversos setores, especialmente o de têxteis); a militarização do cotidiano com seus apelos à transformação de cada cidadão em soldado; a invenção de uma política da escassez; o mascaramento dos conflitos sociais mediante a construção de um *front* interno aglutinando as diversas classes. Certamente, uma das formas de mobilização, desenvolvidas pelas autoridades governamentais, residiu no alarde de possíveis investidas militares das potências fascistas contra o território nacional. Embora não efetuadas, seu temor ganhava mais intensidade em centros urbanos da costa nordestina, como Fortaleza, que a partir de 1943, a exemplo de outros pontos litorâneos (Recife, Natal e Fernando de Noronha), serviria de escala aos bombardeiros norte-americanos que demandavam a África

ca do Norte para dar combate ao temível *Afrika Korps*, do general alemão Erwin von Rommel.

Na capital cearense, diversas instituições e categorias profissionais estariam engajadas nos planos de defesa passiva. Segundo as orientações dirigidas aos serviços públicos, constituiriam fatores de mobilização em caso de efetiva investida contra Fortaleza os bombeiros, casas de saúde, postos de socorro de emergência, ambulâncias, dentre outros. Operários especializados em água e esgoto, telefonia e rede elétrica deveriam estar de sobreaviso, com o fito de efetuar reparos nas instalações possivelmente danificadas mediante os temidos bombardeios. Contingentes da Polícia Militar também seriam acionados para auxiliar na remoção dos feridos e facilitar o isolamento dos locais atingidos pelas bombas. Tinha-se, ainda, a determinação de cortar a luz das ruas, ao sinal de alarme, havendo, no entanto, a prerrogativa de que a força elétrica apenas seria interrompida por meio de uma ordem superior – a fim de que os bondes pudessem estacionar longe de cruzamentos, pontes e curvas. Todas essas providências, elaboradas com meticulosidade, tencionavam salvaguardar a cidade de maiores prejuízos, bem como evitar a obstrução das vias públicas e o conseqüente pânico generalizado (UNITÁRIO, 28 de jul. 1942). Em vez de uma onda de pavor sem qualquer controle, as autoridades públicas e os meios de comunicação buscavam assegurar a constituição de um temor disciplinado. O rigor dos procedimentos de socorro provavelmente ajudou a recrudescer o medo dos ataques, no entanto esta concentração de esforços, tendo em mira um inimigo externo e impalpável, ocupou um papel determinante na legitimação da ordem social e da vigilância institucional, resultando em maior solapamento das liberdades civis.

A visível preocupação das autoridades denota a apreensão em torno de uma indesejada, porém cabível (ao me-

nos na ótica do poder) retaliação pela máquina de guerra do *Reich*, ainda que efetivamente a cidade não tenha sido vitimada por bombardeios do Eixo. Conforme assinalou o artista plástico Estrigas (pseudônimo de Nilo Firmeza), residente em Fortaleza já à época da Guerra:

Os exercícios simuladores de ataques aéreos, se realizavam e bombas eram detonadas. O 'black-out' funcionava e as vidraças eram cobertas com papel escuro para a claridade não servir de alvo. O clima era um só, no Ceará, também, principalmente em Fortaleza. Pelo fato do Ceará ficar próximo das costas da África, onde o inimigo obtivera vitórias, vivia-se mais apreensivamente aqui [...] (ESTRIGAS, 1989, sem página).

O jornalista e escritor Blanchard Girão, em seu livro de memórias, menciona de forma incisiva as tensões agudizadas em 1942 – momento em que a conflagração mundial se avizinhou definitivamente de Fortaleza –, cuja repercussão no cotidiano era especialmente viva e marcante:

Entre nós, o espírito de guerra acentuou-se. A cidade realizava exercícios preparatórios contra possíveis ataques aéreos, que felizmente nunca ocorreram. Mas a gente sentia o conflito cada vez mais perto de nós nas noites dos denominados blecautes. Recordo bem de minha saudosa mãezinha, com as filhas, a pregar papéis escuros nas vidraças das janelas, dentro da orientação recebida dos inspetores de quartelão encarregados dos exercícios. De fato, a coisa parecia mesmo com guerra (GIRÃO, 1997, p. 61).

Em momentos de exceção, quando a própria existência se vê diretamente ameaçada por um agente exógeno (uma guerra, hecatombe ou acidente natural), certos valores e condutas passam a ecoar mais intensamente no tecido social. Em Fortaleza – bem como em várias localidades do Brasil – ao tempo da Segunda Grande Guerra, a exteriorização desses ideais (nacionalismo, pátria, defesa

do território nacional, manutenção da ordem interna) se dá por meio de certos ritos, que conferem visibilidade aos valores em jogo. Um exemplo interessante dessa convergência em torno de símbolos que evoquem o sentimento de nacionalidade corresponde à Campanha dos Metais – movimento organizado pela Marinha de Guerra do Brasil e destinado a arrecadar, da população civil, alumínio, cobre e zinco com o intuito de alavancar o reaparelhamento das Forças Armadas para a defesa do país. A exortação ao exercício patriótico, quase em tom convocatório e solene (o discurso é proferido na 2ª pessoa do plural, lembrando de forma tangencial o estilo bíblico), fica clara nas mensagens da Capitania dos Portos (órgão responsável pela coleta dos metais em Fortaleza):

Estais fazendo instalação elétrica? Entregai à Marinha as pontas de fios e cabos que sobraram! Eles são de cobre e às vezes cobertos de chumbo!

Ide substituir o forro de vossas embarcações? Lembrai-vos de que é cobre e que a Marinha dele necessita! (UNITÁRIO, 15 de ago. de 1942, p. 4).

Em suas memórias, Blanchard Girão faz referência a este tipo de campanha, que não somente implicava a participação da população civil no clima de mobilização geral decorrente da guerra, como também resultava no engajamento ordeiro e controlado dos habitantes locais no chamado esforço de guerra:

O povo, solidário com a nova posição do Governo [declaração de guerra ao Eixo], promovia campanhas em prol do esforço belicoso nacional. Surgiram as *Pirâmides de Metal*, montes de restos de latas, tubos de dentifrícios vazios, talheres imprestáveis, tudo enfim que, transformado, pudesse ser utilizado na fabricação de utensílios, armas e equipamentos para os soldados que iriam em breve partir para o front (GIRÃO, 1997, p. 61).

Mas, enquanto lugar perpassado por valores, crenças, comportamentos, tradições e práticas culturais múltiplas e conflitantes, a cidade propicia(va) também o afloramento de condutas inteiramente reprováveis pelos poderes. Pode-se depreender essas formas peculiares de insurgência contra as campanhas oficiais partindo-se de um exemplo à primeira vista banal: em Fortaleza, começaram a aparecer penicos nas ditas *pirâmides de metal* – fato correntemente atribuído aos integralistas. Ora, essa pilhéria expressava mais que uma filiação ideológica contrária a do governo brasileiro; buscava-se, mediante um gesto jocoso, desacreditar e ridicularizar o esforço beligerante empreendido pelas Forças Armadas, sob os auspícios dos *bons (com)patriotas*. Sobre esta cena, vale citar o depoimento de Thomaz Pompeu Gomes de Matos (gravado em 1992):

É [...] eu não sei se eram eles [os integralistas], mas que aparecia [...] E há pessoas que tinham visto eles botando [penicos nas pirâmides de metal]. Eu nunca vi, não. E vi, uma certa ocasião, ali, salvo engano na [avenida] Tristão Gonçalves, que vinha uma pirâmide muito grande, então disseram: 'Foi fulano de tal! Aquele integralista!' [...] E eles faziam pra desmoralizar mesmo!

Com efeito, percebe-se, no cotidiano de Fortaleza ao tempo da guerra, a presença de tensões latentes, (re)produzidas nas fímbrias do sistema social, configurando um duplo movimento de integração/resistência à postura hegemônica emanada do discurso oficial.

Outro aspecto que se reveste de uma atmosfera a um só tempo trágica e heróica, consiste no recrutamento de civis reservistas para engrossar as fileiras do Exército nacional. No momento conjuntural em questão, atender à convocação das Forças Armadas não implicaria tão-somente man-

ter-se a salvo das coerções previstas em lei; para além disso, constituiria, primordialmente, um ato de bravura, destemor, despojamento da própria vida em nome de um ideal maior – a soberania do país. A deserção, por seu turno, notabilizaria uma prática de inominável abjeção, indigna dos filhos da *Terra da Luz* (epíteto que distinguia o Ceará como Província pioneira na abolição do regime escravocrata ao tempo do Império). Dessa maneira, operou-se um desfile do primeiro contingente de soldados mobilizados para a empreitada antifascista pelas ruas da capital, objetivando externar todo o apreço popular aos recém-convocados, num misto de homenagem e solenidade marcial. Já alguns dias antes dessa manifestação, o jornal Unitário (matutino dos Diários Associados) procurava arregimentar os habitantes em torno da merecida saudação aos conterrâneos tomados de fulgor patriótico:

Os reservistas do interior do Ceará que rumarão para a capital do Rio Grande do Norte, ingressando ali nas forças do Exército, serão conduzidos, pelo 23º B.C. [Batalhão de Caçadores], à ponte Metálica sob as aclamações do povo, que se deslocará para as ruas, afim de aplaudir, delirantemente, os cearenses que atenderam ao primeiro grito de chamamento da Pátria.

Essa passeata militar do 23º B.C. com os reservistas será de despedida destes, que receberão, por essa ocasião, a homenagem daquele batalhão cearense e do nosso povo, que se sente orgulhoso em entregar, agora, ao Exército nacional, o primeiro contingente de soldados da reserva, vindo dos serções alencarinhas (UNITÁRIO, 28 de jul. de 1942, p. 8).

Fotos de época registram a homenagem organizada pelas autoridades públicas para reverenciar os reservistas cearenses. Percebe-se o grande respaldo popular desfrutado por esses militares, cuja despedida revestiu-se de um tom marcadamente louvaminheiro. Em gritante con-

traste, aos *soldados da borracha* – geralmente retirantes do interior do Estado, açoitados pela seca de 1942 e arregimentados para o esforço de guerra na extração gumífera da frente amazônica – foi conferido, pela lente da objetiva, um destino bem menos faustoso: aglomerados em velhos caminhões, vestindo andrajos e expostos ao olhar dos curiosos passantes, eles eram embarcados em navios com destino ao *inferno verde* – jornada amiúde sem retorno: estima-se entre 15 e 25 mil brasileiros mortos no interior da floresta. Dessa maneira, protagonizavam o cumprimento do acordo militar secreto (Acordo de Washington, março/1942) firmado entre os governos de Vargas e Roosevelt, com vistas ao atendimento da demanda de borracha dos Aliados, uma vez que a produção gumífera do Sudeste Asiático – principal fornecedor mundial – encontrava-se em poder dos japoneses (MARTINELLO, 1988). Em Fortaleza, portanto, a Segunda Guerra era travada em dois *fronts* distintos: uns combatentes arregimentaram os contingentes do Exército nacional e/ou as tropas da FEB na incursão à Itália fascista; outros compuseram as fileiras destinadas a tomar parte na *batalha da borracha*. Na frente européia, os riscos da pneumonia, da inanição e da baioneta inimiga; na frente amazônica, os perigos iminentes de malária, febre amarela, subnutrição e um regime de trabalhos forçados. Se os *pracinhas*, recebidos como heróis ao término da guerra, adotaram por emblema uma cobra fumando como forma de revide a seus detratores, os soldados da borracha, freqüentemente anônimos, desprovidos de patente e condecoração, trouxeram em seus corpos as marcas das penosas lides, testemunhas vivas da estreita simbiose entre homem e seringueira, látex e sangue.

Em Fortaleza decorreram ainda várias outras mobilizações em torno da Guerra. Vale destaque a *Semana Anti-Nazista*, promovida pela Comissão de Defesa Nacional – entidade gestada entre os estudantes da Faculdade de Di-

reito do Ceará ligados ao Centro Acadêmico Clóvis Beviláqua. A campanha, posta em consecução de 02 a 08 de agosto/1942, era

[...] destinada a combater o quinta-colunismo, criando no povo um espírito de revolta contra o nazismo e ensinando-lhe a reprimir com todas as forças, o totalitarismo nefasto e traiçoeiro (UNITÁRIO, 31 de jul. de 1942, p. 2).

Durante (e após) a referida Semana, vários *meetings* foram realizados em bairros de Fortaleza e em localidades do interior do Estado, com o intuito de recrudescer no seio da população o sentimento de profunda intolerância ao corolário nazi-fascista.

Não obstante, algumas manifestações coletivas foram efetivadas à revelia das autoridades públicas. A mais contundente de todas foi provavelmente o quebra-quebra ocorrido em 18 de agosto de 1942, a propósito do afundamento das belonaves brasileiras. Discursando sobre a premência de uma enérgica resposta governamental aos referidos ataques, cantando o hino nacional, empunhando bandeirinhas e carregando o retrato de Vargas (segundo foto da época), um grupo de jovens manifestantes, engrossado por vários transeuntes, percorreu algumas ruas do Centro de Fortaleza, depredando e saqueando, dentre outros estabelecimentos, a Padaria e Confeitaria Napolitana (à época, já propriedade de brasileiros), a loja O Gabriel, o Consulado Alemão, o Café Íris, o Jardim Japonês, a Casa Veneza (loja de departamento pertencente ao Cônsul da Itália Di Francesco), culminando na destruição e incêndio das Lojas Pernambucanas (ligadas à família Lundgren, de origem sueca, cujos diretores eram alemães). O descontentamento popular atingiu inclusive outros bairros da cidade, como Porangabuçu, Outeiro, São Gerardo e Praia de Iracema. Na tentativa de refrear o ímpeto dos manifestantes, as forças policiais empreenderam várias

prisões, chegando mesmo a empregar todo o seu estoque de gás lacrimogêneo e disparar jatos d'água e tiros para o alto com vistas a dispersar a multidão. Como decorrência, poucos dias depois várias empresas de grande e médio porte prontamente puseram anúncios em jornais da capital, nos quais se alegava o caráter genuinamente brasileiro dos proprietários. Caberia citar aqui ao menos dois exemplos:

LOJAS BRASILEIRAS DE PREÇO LIMITADO S/A
LOJAS 4\$400 E 8\$800
AVISO

Para reconhecimento do publico em geral, avisamos que os proprietarios das Lojas acima são brasileiros, nascidos em Pernambuco, e todos reservistas do Exercito Nacional. As Lojas desta Capital são dirigidas por um Gerente Geral brasileiro, natural do Rio de Janeiro e filho de pais brasileiros e também reservista de 2ª categoria (UNITÁRIO, 20 de ago. de 1942, p. 1).

IZAIAS KLINGMAN - Proprietario da Relojoaria Izaias
Avisa ao publico que alem de ser polones, reside no Brasil ha mais de 20 anos tendo-o como sua segunda Pátria. Que é vitima das atrocidades do Eixo, pois, sua familia, pais e irmãos foram dizimados pelos barbaros alemães.
VIVA O BRASIL! VIVA O PRESIDENTE GETULIO VARGAS!
(UNITÁRIO, 23 de ago. de 1942, p. 12).

O que se depreende facilmente dos anúncios é o temor nutrido pelos comerciantes quanto a uma possível depredação ou saque. No primeiro caso, não basta afirmar que os donos e o gerente são brasileiros natos. Percebe-se a ênfase conferida ao serviço militar: além de *compatriotas*, eles também são *patriotas*, na medida em que compõem o quadro de reservistas do Exército nacional. Já no segundo exemplo, é possível notar o comedimento e extrema cautela do negociante, cujo sobrenome poderia sugerir uma indesejada

nacionalidade germânica. Não parecendo suficiente atestar a Polônia (à exceção da ex-União Soviética, o país mais devastado pelas investidas da *Wehrmacht* durante a guerra) como sua terra natal, ele se prontifica a anunciar o Brasil enquanto *sua segunda Pátria*. Além disso, o Sr. Klingman salienta sua tragédia pessoal e familiar, de modo a deixar clara a ojeriza figadal que o separa de tudo que levemente evocar o nazi-fascismo. Como desfecho retumbante, são lançadas palavras de ordem que exibem a incondicional solidariedade ao Brasil e a seu insigne governante. Afinal, ser brasileiro nato ou por afeição implica, também, demonstrar apoio ao regime político e seus próceres.

No entanto, a turba causada pelas hostilidades perpetradas por cearenses mais exaltados não se restringiu à justificada precaução dos negociantes locais. A Interventoria Federal do Ceará lançou uma nota buscando doravante demover os habitantes de práticas pouco amistosas, como os quebra-quebras:

Essas demonstrações de brasilidade e de fé nos altos destinos do país, não devem, todavia, ser desvirtuadas por elementos a serviço de inconfessáveis propositos, interessados em dificultar, pela confusão que tentem estabelecer, a adoção de medidas tendentes a garantir a tranquilidade pública. [...]

Por outro lado, é dever indeclinável de todos os cidadãos o respeito à propriedade e ao indivíduo, como demonstração de civismo e da compreensão, que temos, das responsabilidades a enfrentar. [...]

O governo do Estado apela, pois, para todos os cearenses, no sentido de se conservarem entregues às suas atividades, aguardando com serenidade e bom senso as medidas tendentes a punir as afrontas que acabamos de receber (UNITÁRIO, 22 de ago. de 1942, p. 7).

A declaração da Interventoria descortina os limites que o poder tenta impingir à manifestação popular. Fica claro

que a oposição ao Eixo deve ser conduzida dentro da ordem. Quaisquer atitudes que passassem ao largo da lei constituiriam expressões *a serviço de inconfessáveis propósitos*. Como prova de civilidade, o povo cearense deveria canalizar sua indignação mediante o trabalho devotado ao engrandecimento da pátria, deixando às autoridades públicas o dever de coagir os seguidores do nacional-socialismo.

A intensificação do clima de risco e insegurança que perpassava Fortaleza pode, também, ser atestada mediante os exercícios de salvamento realizados pelos bombeiros como treinamento preventivo, no caso de a cidade vir a presenciar a sua *Batalha da Inglaterra*. Em fins de julho/1942 ocorreu a primeira demonstração de socorro de emergência, tendo como palco o Majestic (no período, o mais requintado cinema da capital). Com respeito a tal empreendimento, enquadrado no plano de defesa passiva que ora se delineava, o colunista do Unitário observou uma substancial transformação na forma pela qual o cearense percebia os fatos mais corriqueiros, exprimindo singular espanto diante da reação dos espectadores na seguinte matéria:

Foi o que se observou à tarde de ante-ontem, na Praça do Ferreira, quando os soldados do fogo do capitão Caminha fizeram, em Fortaleza, o primeiro exercício de salvamento. Nunca se vira antes uma multidão de cearenses mais quieta, mais compenetrada e mais silenciosa. Nenhum grito, nenhuma pilheria, tão comuns nas outras ocasiões em que os bombeiros saem à rua para lutar contra um incêndio (UNITÁRIO, 01 de ago. de 1942, p. 7).

O que parece digno de nota consiste no impacto que a guerra ocasionou no cotidiano de Fortaleza, a ponto de um suporte identitário, um componente tido como intrínseco à população local (a *molecagem*, o epíteto de zombeteiro) ser atenuado de forma a não somente causar visível estranhamento ao colunista que redigiu a matéria, mas – e

principalmente – marcar o teor implausível da concepção de *cearensidade* da qual ele estava imbuído. Segundo o articulista, a reação da platéia diante do trágico palco que ambientava a conflagração foi de silêncio, sobriedade e quase contemplação ante o ato cênico dos bombeiros, ao invés dos usuais gritos, apupos, gargalhadas e pilhérias. Atitude surpreendente, dada a propensão das camadas populares a fazer do humor um mordaz ingrediente de crítica social. Comportamento igualmente elogiável, ao menos para intelectuais e defensores do moralismo, que viam na gravidade do conflito uma oportunidade valiosa para reeducar e civilizar as massas.

A ressonância da perspectiva de bombardeio e dos exercícios de guerra pode ainda ser captada por meio de sua difusão em escritos de cunho mais popular, como é o caso das Instruções de Defesa Anti-Aérea para o Povo de Fortaleza – Estado do Ceará – pelo historiador brasileiro Moisés Matias De Moura, que aglutina sob a forma de versos uma série de precauções a serem tomadas em caso de ataque pelos ares. Significativo perceber que as orientações defensivas extrapolaram a alçada do poder público, espraiando-se também em linguagem coloquial e, portanto, ganhando maior raio de ação junto à população local. Segue abaixo um trecho do mencionado folhetim, mostrando a imprescindível necessidade de conhecer as medidas de segurança: “Porque estas instruções / Muito tempo agora veio / Ensina o povo abrigar-se / Em caso de bombardeio / Todos terão que aprender / Ninguém não dirá não sei [...]” (UNITÁRIO, 04 de ago. de 1942, p. 7).

Convém reiterar que a Segunda Guerra Mundial representa, na cidade construída por meio dos jornais e cronistas, um elemento de grande apreensão. O temor experimentado através dos preparativos de defesa anti-aérea implica não somente um esforço articulado de reduzir ao máximo os efeitos destrutivos de um possível ataque, mas confere maior

legitimidade à fala do poder, no sentido de justificar os mecanismos de controle e o recrudescimento da vigilância do Estado sobre o cidadão comum, seja nos espaços públicos, seja em lugares de cunho mais privado, tais como a casa e o ambiente de trabalho. Um exemplo cabal desse cerceamento autojustificado das liberdades individuais reside na criação da Liga dos Trabalhadores para a Defesa Nacional (agosto/1942), sob os auspícios de Raul Domingues Uchôa, delegado regional do Trabalho. Por ocasião do lançamento da Liga, que objetivava rastrear e expurgar do meio operário os elementos quinta-colunistas, ele exortava

[...] todos os trabalhadores [para que] estejam unidos, formando ao lado do presidente Vargas para assegurar a defesa da Nação que agora, mais do que nunca, exige de cada um de nós toda a abnegação e os maiores sacrifícios (UNITÁRIO, 12 de ago. 1942, p. 4).

O apelo ao labor pacífico e submisso, como prova de cidadania e patriotismo, forma de assegurar o pleno bem-estar da nação, vê-se coadunado à dissimulação das opressivas condições de trabalho e manutenção da coercitiva ordem interna. Com respeito ao rol de medidas implantadas pelo governo Vargas e destinadas a viabilizar o esforço de guerra, Alcir Lenharo postula com agudeza que foi empreendida uma superexploração do trabalho, em nome de uma propalada necessidade nacional:

Sejam vistos os objetivos 'nacionais' de uma economia de guerra que levaram o governo, em 1942, a aumentar novamente a jornada de trabalho para 10 horas, o que batia com as aspirações dos empresários ainda não conformados com a sua regulamentação. Horas extras, trabalho noturno das mulheres também passavam a receber um tratamento mais flexível [...] Novo decreto proibiu a mobilidade de trabalhadores nas chamadas 'indústrias de guerra'; eles não poderiam se demitir ou empregar em outras indústrias, nem sequer, fal-

tar ao trabalho. Seriam tomados como desertores, no caso de serem brasileiros, e sabotadores, se estrangeiros (LENHARO, 1986, p. 28).

Outras medidas coercitivas foram implementadas pela Comissão de Abastecimento, criada pela Interventoria Federal do Ceará, que prescreveu uma redução de 50% no consumo de gasolina em todo o Estado, devido ao esforço de guerra e à dificuldade de transporte do precioso líquido. O rigor na fiscalização dos veículos automotores ocorreu de maneira mais incisiva na capital, sendo estipuladas cotas semanais de combustível de acordo com os tipos de automóvel. Houve, ainda, terminante proibição de circulação de veículos fora do horário de trabalho do comércio e da indústria, bem como aos domingos e no turno da noite, exceto em casos de notória utilidade. Devido à Segunda Guerra e à grande seca de 1942, definidas como os “flagelos externo e interno”, urgia o racionamento dos produtos essenciais (UNITÁRIO, 12 de ago. 1942). A Comissão previa severas penalidades aos que não cumprissem as normas estabelecidas:

Os motoristas de veículos que infringirem estas prescrições terão canceladas as quotas de gasolina a que tiverem direito, sendo proibidos, conseqüentemente de trafegar com os seus veículos (UNITÁRIO, 11 de set. de 1942, p. 8).

Da mobilização em torno do recrutamento para a empreitada antifascista, passando pelo racionamento de combustíveis e o toque de recolher, a capital cearense enfrentou dias de tensão, diante da incerteza e do medo com relação a um ataque do Eixo. Finda a apreensão trazida pela guerra, que outras modificações ela teria incitado na tessitura social de Fortaleza? Qual a plausibilidade de buscar entrever as ressonâncias menos imediatas da conflagração no espaço e no cotidiano da cidade?

3. À guisa de inconclusão: o fim da guerra e suas reverberações

Ao término do conflito, a *loura desposada do Sol* respirava com alívio os rumores não concretizados de bombardeio nazifascista e comemorava a vitória aliada sobre as forças do Eixo. O processo de americanização, no entanto, alçava vãos mais altos e se fortalecia com a retomada do fluxo normal do comércio mundial, notadamente o de bens culturais. Em Fortaleza esse fenômeno ganha corpo juntamente com a crescente aspiração à modernização.¹²

Ao falar sobre o *modernismo do subdesenvolvimento*, Marshall Berman postula que, em países do Terceiro Mundo, ocorre uma defasagem entre o projeto modernizador e as condições materiais para concretizá-lo. Surge assim uma vontade, um desejo, um fascínio diante da modernização ainda não construída, porém já acalentada pelos sujeitos sociais. Em certa medida, esse fenômeno guarda correspondência com o que Renato Ortiz cognominou *a moderna tradição brasileira*. A expressão, à primeira vista contraditória (de fato, ela é!), remete a uma sociedade *que se transformou, mas que ainda cultiva a lembrança de uma modernidade como projeto de construção nacional*. Ortiz toma como importante referência Roberto Schwarz, que postula um certo *enviesamento* presente no Brasil, ou seja, o fato de as idéias estarem *fora do lugar*, determinando um descompasso entre o existir e o realizar-se. Essa emergência de uma cultura ornamental, da tênue construção de um estilo de vida calcado na estética da elite, sugere a aflitiva consciência da civilização como um espelho distante, desemboca na preocupação fundante sobre

‘[...] o que diriam os estrangeiros de nós’, o que reflete não somente uma dependência em relação aos valores europeus, mas

revela o esforço de se esculpir um retrato do Brasil condizente com o imaginário civilizado (ORTIZ, 1994, p. 32).

Os meados do século XX operariam, contudo, um complexo e ambíguo deslocamento transoceânico do paradigma civilizatório: se a matriz dos valores, comportamentos e aspirações ideológicas continua em outro lugar, numa região setentrional apartada dos trópicos, reiterando a dilacerante impressão de desterro lapidaramente expressa por Sérgio Buarque (1995), percebe-se uma transposição primordial, em que o núcleo irradiador das idéias, dos hábitos e da produção material converge para os Estados Unidos, em detrimento do continente europeu.¹³ Algumas cenas do espaço privado, em Fortaleza, são úteis ao fornecer indícios para pensar sobre como esse projeto de equiparação brasileira às sociedades ocidentais desenvolvidas “é forçado de se construir sobre fantasia e sonhos de modernidade” (BERMAN, 1986, p. 220).

Em suas memórias travestidas no ritmo ágil da crônica, Marciano Lopes remete à segunda metade da década de 40, logo após o término da guerra, quando os Estados Unidos inventaram (e/ou aperfeiçoaram), dentre outras coisas, o plástico, o *pyrex*, as meias de *nylon*, a caneta esferográfica. A chegada desses novos produtos à capital provocou grande admiração e expectativa na população local. Lopes narra uma cena carregada de comicidade e exotismo: algumas moças compraram cortes de um dado tecido para confeccionar saias no estilo das estrelas de Hollywood. Como as peças de roupa eram pouco flexíveis e provocavam muito calor, decidiram abandoná-las. Só tempos depois as moças tomaram conhecimento de que o dito tecido era para ser usado como cortina de banheiro.

O autor ainda comenta o fato de que a primeira caneta esferográfica chegada ao Ceará fora presenteada à sua mãe adotiva. A forma pela qual ele descreve a caneta, num misto

de espanto e reverência, confere a esta um caráter monumental e ornamental, embora fundado na instrumentalidade. É como se, em certa medida, ela correspondesse a mero objeto ostentatório.

Um fato histórico: a primeira caneta esferográfica chegada ao Ceará foi para nossa casa. [...] Era a última das sensações *made in USA*. Fantástico! Escreve a seco, dispensa o uso de mataborrão e não corre o perigo de derramar na roupa. [...] Uma redoma de cristal protegia a raridade e conferia-lhe nobreza e 'status'. [...] Como relíquia que parecia ser, juntava pessoas das vizinhanças que olhavam, mudas, o fenômeno. Todas queriam ver e tocar. Para crer [...] (LOPES, 1996, p. 127).

Quando entrevistado, o general José Góes Barros comentava a chegada das tropas ianques a Fortaleza, dando ênfase, na própria entonação da fala, a uma inovação técnica ignorada até aquele momento:

E, também, começaram a se instalar, aqui em Fortaleza, grande parte dos americanos, mais aqui do que em Natal [...] e aí realmente ficou uma coisa bastante importante e trabalhosa. E pela primeira vez, eu citei da outra vez, pela primeira vez uma grande árvore podia ser derribada, [com] um trator de esteira, que era coisa desconhecida, pelo menos aqui no Nordeste [...] Antigamente aqui só se derribava com machado, ou serrote, que é coisa bem diferente.

As três situações exibem com propriedade a aspiração ao projeto modernizador, externada, de um lado, pelo despreparo de – e sofreguidão em – dispor do arsenal tecnológico e, do outro, pela postura de contemplação perante um fruto da técnica industrial. Tais casos reportam a um forte desejo de modernizar-se, conjugado a uma notória debilidade estrutural para dar-lhe existência de fato. Revelam, ainda, acontecimentos cotidianos permeados pelo

simultâneo desconhecimento e fascínio diante de máquinas e produtos sofisticados: José Góes relata a potência desmesurada do trator que dispensa artefatos de uso manual (seria demasiado aludir ao abismo técnico e deslumbramento dos indígenas no encontro de seus apetrechos neolíticos com as lâminas metálicas do primeiro colonizador europeu?); Marciano Lopes remete a inábeis exemplos de consumo conspícuo, seguidos de uma postura quase religiosa no trato com um objeto moderno: a sobredita caneta é, a um só tempo, inalcançável e incorporada pelo desejo de posse, está protegida numa redoma (distanciada do tato profanador) e circunscrita num lar (próxima da afeição privada), é fabricada em série mas importada e rara. Suas qualidades se referem a propriedades técnicas, mas tão-somente para envolvê-la numa aura de fetiche, dar-lhe os contornos de uma relíquia e acentuar o prestígio de seu proprietário. Na descrição do memorialista, a caneta foi desinvestida de função, perdeu o estatuto de utensílio e ganhou poderes mágicos, virou um talismã. Jean Baudrillard atentou para esse esvaziamento da mediação prática, pela qual os objetos nos devolveriam ao mundo, em favor da abstração contida na privação do uso e no frêmito subjetivo da posse, que renunciam ao primado da utilidade:

[...] quando o 'selvagem' se precipita sobre um relógio ou uma caneta, simplesmente porque é um objeto 'ocidental', sentimos aí uma espécie de absurdo cômico: ele não dá ao objeto o seu sentido, apropria-se dele vorazmente: relação infantil e ilusão de domínio. O objeto não tem mais uma função e sim uma virtude: é um signo (BAUDRILLARD, 1993, p. 90).

É mais ou menos nesse âmbito que se dá o embate entre francesismo e americanização na capital cearense. Nessa perspectiva, pode-se tomar a Segunda Grande Guer-

ra como um ponto crucial desse processo: a partir dela a ingerência ianque, no plano nacional, se fez sentir com maior intensidade. A cultura francesa, tradicionalmente ligada às artes e às letras, passava a dividir espaço com o arcabouço cultural norte-americano em expansão, expresso por excelência em objetos derivados do fabrico industrial e novos meios de comunicação de massa – destacou-se aqui o encanto do cinema e a sedução do consumo generalizado. Autores que abordam as influências culturais da França e dos Estados Unidos no Brasil ao tempo da conflagração mundial, como Tota (1993) e Suppo (1995), sugerem certa decepção e perda de credibilidade na força e idealismo da nação francesa, em virtude da derrota militar ante a máquina de guerra germânica e, talvez principalmente, do colaboracionismo de Vichy com o regime nazista.

Conforme já ressaltado, a matriz civilizatória norte-americana, de formação relativamente recente, se assenta, em larga medida, numa extremada crença no industrialismo, no senso de iniciativa individual, na racionalidade pragmática, na prosperidade via mercado e na sociedade tecnificada. Ao passo que o corolário francês toma um vetor de feição humanística universalista, relacionado mais estreitamente a uma herança cultural de longa duração, em especial na literatura, nos círculos eruditos, nos salões aristocráticos. Nos Oitocentos o Brasil, especialmente em seus estratos mais elitizados, via-se inextrincavelmente ligado à França, sua pátria-mor por adoção, tida como o berço letrado do Velho Continente. Obviamente, isso não limita o raio de ação da cultura francesa ao plano das idéias filosóficas e da sensibilidade artística. Da segunda metade do século XIX às primeiras décadas do XX, a propaganda de bens materiais ligados à Cidade-Luz e bastião da liberdade seria abundante nos jornais e almanaques de Fortaleza, tendo por alvo explícito os bem-nascidos ou os novos-ricos ansiosos por

adquirir prestígio e refinamento¹⁴. Chapéus, tecidos, cosméticos, livros, remédios, jóias, instrumentos musicais, móvel, adornos, bibelôs, perfumes, manuais de boas-maneiras e essa espécie de amuleto da sociabilidade urbana de então – a moda: um sem-número de artigos importados acentuava a necessidade de incorporar hábitos e condutas civilizadas, à imagem dos grandes centros europeus. Na capital cearense, com particular intensidade, a adoção de um padrão de vida elegante e requintado passaria necessariamente pelo culto do afrancesamento, como bem observou Sebastião Ponte (1999).

A presença francesa caminhava relativamente resoluta até os alvares do século XX, quando os Estados Unidos, marcadamente a partir dos anos 30, iniciaram verdadeira ofensiva político-cultural no sentido de estreitar os laços entre os países do Novo Mundo e firmar uma zona de influência econômica e geopolítica com dimensões continentais (MOURA, 1986). De modo que a sedução pelo viés ianque se respaldava numa espécie de arroubo pela máquina e ênfase na capacidade técnica, decorrência do deslumbramento pelo ícone maior da sociedade moderna. Noutras palavras: tratava-se do projeto modernizador, erigido numa perspectiva idílica e sedimentado em outras bases, porém ainda não instaurado em termos efetivos – manifestação daquilo que Berman agudamente denominou *modernismo do subdesenvolvimento* e, numa linguagem menos retórica, designar-se-ia a modernidade periférica.

À primeira vista, o processo de propagação cultural do *American way of life* em Fortaleza segue, ao longo da década de 40, um percurso relativamente sinuoso. As controvérsias afloram se confrontarmos os posicionamentos de dois autores que escrevem sobre a cidade durante o referido período. O primeiro deles é Marciano Lopes, para quem, findo o conflito de 1939-1945, os Estados Unidos assumi-

ram em definitivo a primazia no Ocidente, tanto no que se refere ao arsenal tecnológico (segundo ele, antes encabeçado pela Alemanha) quanto no concernente à moda e aos comportamentos (outrora sob a égide da França). E Fortaleza foi a reboque nesse processo.

A França, até então, senhora absoluta e ditadora suprema da Cultura do Ocidente, perdia sua hegemonia em favor de 'Tio Sam'. [...] Assim era Fortaleza, nos tranquilos anos quarenta, após a Grande Guerra. Ingênua e pura, aceitando, sem reclamar, ao contrário, muito empolgada, as tralhas que a superpotência nos impingia (LOPES, 1996, p. 125, 128).

O segundo autor é o artista plástico franco-suíço Jean-Pierre Chabloz, chegado ao Ceará em 1943 e grande interessado na vida e nos costumes locais. No entanto, sua percepção da presença cultural norte-americana em Fortaleza se diferenciava vertiginosamente daquela esboçada por Marciano Lopes. Para conferir maior visibilidade à sua argumentação, Chabloz tece um contraponto entre Rio de Janeiro e Ceará:

No Rio, o doloroso eclipse temporário da França [sua ocupação pelas forças nazistas] determinou uma vigorosa onda de americanismo. Algumas pessoas da elite mantiveram sua fidelidade à França e sua fé na ressurreição. Mas muito cedo a grande massa, sobretudo os jovens, voltou sua atenção para os Estados Unidos. E aquilo que havia sido, até então, o eixo Rio-Paris foi substituído por um novo eixo Rio-Nova Iorque (e sucursais). [...] Mantendo o estilo Brasil Antigo, o Ceará, durante a guerra e os anos seguintes, manifestou uma atitude completamente diversa. Sem fraquejar um só instante (se houve exceção, desconheço), esse Estado conservou sua fidelidade à França martirizada, apesar da maciça presença americana. [...] Quando, no fim das hostilidades, os americanos partiram, nada de muito importante havia mudado nos aspectos externos e na vida do Ceará (CHABLOZ, 1993, p. 109-110).

O pintor europeu compõe o arremate final de seu pensamento mediante uma analogia fortemente carregada de lirismo e espírito telúrico:

Da mesma forma como, para melhorar sua situação, ou escapar das terríveis secas, os cearenses emigram, deixando o coração em seu Ceará natal, durante a guerra eles conviveram inteligentemente com os americanos, mas a melhor parte de sua alma permaneceu profundamente ligada à França (CHABLOZ, 1993, p. 110).

Os comentários de Chablos são preciosos à investigação desse período tumultuário, no que tange às influências culturais. Ele ressalta que houve um convívio direto entre cearenses e norte-americanos, embora não explicita a inserção de Fortaleza no teatro das operações militares. Nem mesmo o assédio ianque *in loco* esmoreceu a ligação profundamente sentimental – *fidelidade* – a unir os habitantes locais e a França eterna, símbolo da luta contra os despotismos políticos e salvaguarda da liberdade dos povos – imagem largamente tributária da Revolução de 1789 celebrada entre as elites brasileiras dos Oitocentos. Chablos evoca o Ceará como exemplo de permanência do *estilo Brasil Antigo*, sem qualquer conotação depreciativa. Ao contrário, essa longevidade era tanto mais legítima porque demonstrava a solidez da tradição francesa em terras tropicais, suficientemente estável para não sucumbir à moda do americanismo. Aqui, antigo equivale a civilizado e europeu, moderno (portanto menos nobre e solene) seria aderir à jovialidade ianque¹⁵.

Interessante a menção a um *convívio inteligente* com os enviados de Tio Sam, travado por razões práticas e sem maior ressonância: no Ceará, segundo o cronista, os Estados Unidos teriam jogado um papel temporário numa conjuntura difícil, seu poder bélico e econômico indicava certa preponderância no campo da produção material, contudo

a pujança do pensamento e da cultura francesa assegurava uma irmandade de espírito que não seria preenchida pelas bugigangas industriais. Marciano Lopes, por seu turno, destacou o entusiasmo da população local com as *trilhas* difundidas pela Águia americana. Se os diagnósticos divergem, conserva-se um pressuposto comum: a penetração cultural estadunidense é indissociável do prazer de consumir.

Deve-se, observar, portanto, que nos anos 30 e 40 começava a ganhar profusão um novo paradigma civilizatório, não mais enformado nos valores da palavra, da razão e do saber erudito (caros ao modelo francês), porém ligado à matriz norte-americana e sedimentado na pujança técnica, na aceleração contínua e na incitação ao consumo. A partir dessa passagem transoceânica do hexágono francês à república ianque, ocorre uma valorização exponencial dos aparelhos técnicos, notadamente aqueles relacionados ao conforto privado, economia do tempo e supressão do esforço. Uma reflexão historiográfica preocupada com a difusão do *American way of life* não deve negligenciar alguns pontos nodais dessa *colonização cultural*, como seus apelos ao bem-estar individual, à promessa do desejo, aos vínculos entre *status* e poder de compra e, especialmente, à ideologia redentora que atrela avanço tecnológico e melhoria das condições sociais de vida¹⁶.

O que um primeiro olhar capta em visão difusa e translúcida é a forte imbricação entre elementos culturais franceses e norte-americanos, que, por vezes, se digladiam, mas ocasionalmente também compõem um emaranhado rico e avesso a qualquer apreensão simplória. E Fortaleza, na década de 40, constitui a tessitura na qual francofilia e americanização estabelecem relações nem sempre muito claras, e, por isso mesmo, merecedoras de uma investigação mais percuciente.

Em certa medida, os depoimentos orais podem conferir à problemática o aspecto incisivo do eventual fusionalismo de uma tradição francesa temporalmente arraigada e um arcabouço ianque em vias de difusão e consolidação. É o que podemos depreender no depoimento do general José Góes de Campos Barros, no instante em que este se via interpelado quanto à presença da Coca-Cola (nesse caso, o refrigerante) em Fortaleza durante a Segunda Guerra. Fitando um passado reatualizado pela evocação deliberada da memória, sempre imprecisa e sujeita ao influxo da lembrança e do esquecimento, porém reconstruída no momento da enunciação, ele assinalou:

Eu acho, e, aliás, minha senhora tá aí pra testemunhar, pra confirmar [...] O coronel que comandava [a base militar dos Estados Unidos] aqui, de vez em quando ele almoçava lá em casa [...] eu morava na [rua] Silva Paulet, naquele tempo. [...] E às vezes nós, após o almoço, dávamos uma idazinha à Base e ele nos ofereceu Coca-Cola numa taça como se fosse de champanhe.

Um brinde cordial regado a Coca-Cola em taça de champanhe... Talvez seja esta a imagem paradigmática, a cena primordial de um centro urbano onde eventualmente se relativizam os antagonismos entre o legado cultural francês e a avalanche norte-americana, ao passo que descortina os refluxos que permeiam tal processo. É também esta a cidade que vive intensamente a Segunda Grande Guerra em seu cotidiano, que se encontra dividida entre o imaginário da ordem (no combate virulento ao quinta-colunismo, nos *meetings* e *footings* contra o nazi-fascismo, no acirramento do ideário de defesa nacional, no recrutamento de civis para as Forças Armadas, na exortação ao patriotismo, etc.) e sua radicalização em movimentos que passam ao largo das autoridades legais (como os quebra-quebras e a oposição às *pirâmides de metal*).

Entrementes, embalada por um sonho de modernização, discricionário em relação às camadas populares e em parte contrário à liberalidade dos costumes, a elite de Fortaleza encarna a tensão oriunda de uma *moderna tradição* calcada no desejo de desenvolvimento material associado a posturas conservadoras. No imaginário dos grupos dominantes, a modernidade guardaria as feições de um projeto ambíguo e inacabado, ou mesmo dilacerado, no qual anseios de atualização tecnológica pretendem redimir uma sensação de atraso e catalisam corações e mentes, renovando a promessa de uma integração precária às matrizes da cultura ocidental. Aspirações sedutoras, não há dúvida, mas nem por isso incorporadas sem oposições, questionamentos e desconfianças. Ao contrário, não foram poucos os habitantes de Fortaleza reticentes quanto ao desejo de uma inoculação civilizatória de origem européia ou norte-americana. Em pleno calor beligerante, um cronista perspicaz reparou na *verdadeira "epidemia" de estudantes de inglês* que se espriava pela cidade. Segundo ele, as moças eram presa mais fácil, embora até circunspectos senhores se vissem aliciados pelo idioma estrangeiro. O texto não é propriamente xenófobo, mas retrata com uma tirada humorística o entusiasmo afetado dos neófitos. Mais que isso: sugere o caráter ornamental dessa modernidade vicejante que se quer erigir nos trópicos, a demandar continuamente efígies de progresso técnico e capital simbólico. Entre o francês e o inglês – modelos de distinção social –, estende-se uma margem cultural feita de pilhéria e crítica, inquirindo sobre a própria legitimidade dos emblemas e atributos que fundariam nossa frágil condição moderna:

Às vezes, chegam-se a ouvir demonstrações de aproveitamento de tanto esforço [na aprendizagem da língua inglesa], quando deixam escapar os indefectíveis All right, bye

bye, yes, excuse me, nem sempre deixando de engrolar a língua e premir os lábios, à guisa de melhor imitar o sotaque ianque.

All right, porém, cuidado, meninas [...] Não vá lhes acontecer como a um certo rapaz, no Crato [município do interior do Ceará], que de tanto falar francês cuspiu um oui e souou um merci (O ESTADO, 08 de maio de 1943, p. 2).

4. Notas

1 Ao término da guerra, Fortaleza era uma cidade de médio porte (em torno de 200.000 habitantes), destacando-se como a sétima urbe brasileira em população e a segunda maior do Nordeste, cujo primado pertencia a Recife (pela divisão administrativa vigente na década de 40, o Estado da Bahia ainda pertencia à antiga região Leste). Em termos econômicos, a capital cearense despontava especialmente pela atividade comercial, concentrando a administração pública e constituindo o centro econômico do Estado do Ceará (Cf. SOUZA, 1995).

2 Existem poucos indícios a respeito de obras de cunho historiográfico que enfoquem primordialmente a vivência urbana do conflito mundial em Fortaleza. Vale ressaltar, todavia, que enveredar por uma seara, até então inexplorada, não constitui em si atividade meritória, porquanto é o olhar do pesquisador que confere o estatuto do novo ao objeto de estudo, seja ele inédito ou já consagrado pela historiografia.

3 “A cidade se embebe como uma esponja dessa onda que refluí das recordações e se dilata [...] Mas a cidade não conta o seu passado, ela o contém como as linhas da mão, escrito nos ângulos das ruas, nas grades das janelas, nos corrimãos das escadas, nas antenas dos pára-raios, nos mastros das bandeiras, cada segmento riscado por arranhões, serradelas, entalhes, esfoladuras” (CALVINO, 1990, p.14-15).

4 Para uma discussão mais detida acerca das relações culturais e diplomáticas entre os Estados Unidos e a América Latina dos anos 30 a meados da década de 40, ver Moura (1986), Schilling (1989), e Prado (1995).

5 Como salientou Antonio Pedro Tota, os filmes produzidos por Hollywood – lapidarmente denominada a *meca do cinema* – difundiam imagens de enaltecimento ao crescimento econômico e industrial dos Estados Unidos (apologia do tempo presente), ao passo que também exploraram a construção de um passado nacional mitificado, cujas origens remontariam aos pioneiros eivados de puritanismo, moralidade e contato harmônico com o mundo natural – emblemas consagrados das elites políticas do país, encarnando o ideal do homem branco, protestante e anglo-saxão. “O cinema, a maior de todas as inovações americanas na área do *entertainment*, divulgou, mais do que qualquer outro meio, o *American way of life*, americanizando, primeiro, os Estados Unidos, de-

pois o resto da América. Difundia a imagem pastoral do passado dos pioneiros, dos *farmers*, das pequenas cidades, da vida simples – o tradicionalismo, enfim, por meio de modernos e complexos meios de comunicação de massa. O americanismo mercantilizado” (TOTA, 2000, p. 21).

6 Dentre os principais, caberia enumerar: Excelsior, em Parangaba; Santos Dumont, na Aldeota; Messejana, em local homônimo; Familiar, no Otávio Bonfim; América, no Jardim América (Cf. O NORDESTE. Fortaleza, 02 de abr. de 1940, p. 2. “Cinemas e Teatros”). Os escritos originalmente aparecem em maiúsculo no próprio jornal.

7 Em parte devido aos temas e enredos modernos e sensuais dos filmes de Hollywood, a Igreja veria com reticência o contato dos habitantes de Fortaleza com os militares norte-americanos estacionados na cidade ao tempo da conflagração, em sua maioria de credo protestante: “[...] constavam, no entanto, as reservas do clero quanto à presença *ianque*, mal disfarçadas pela observância das normas de civilidade e obrigações formais de tratamento de assuntos por autoridades. Os anticlericais atribuíam aquelas reservas à persistência da simpatia pelo integralismo, relegando motivações como a do zelo religioso em oposição ao predomínio de crenças não católicas nos Estados Unidos; ou a das restrições em matéria de costumes, por muitos admitida como verdadeira a representação da sociedade estadunidense pela arte cinematográfica daquele país, a qual acabaria por tornar-se, segundo pensavam, um poderoso fator de perversão, pondo em risco os valores eternos consignados pelo Cristianismo para a dignificação do homem” (AZEVEDO & NOBRE, 1998, p. 35). Não se pode desdenhar, ainda, uma certa prevenção do clero às propensões materialistas e consumistas que emolduraram uma imagem largamente difundida dos Estados Unidos em diversas nações latino-americanas. No caso específico de Fortaleza, figurava no seio do corpo eclesiástico, além da identificação perniciososa da sociedade norte-americana aos desvarios do mundo moderno, uma atmosfera intelectual bastante tributária da tradição francesa, cuja língua nacional era apreendida em estabelecimentos de ensino confessional. Tal ligação se estreitava particularmente em instituições religiosas como o Seminário da Prainha, fundado na década de 60 e desde então dirigido por padres lazaristas franceses.

8 Percebe-se claramente a ênfase conferida à evolução dos equipamentos e objetos técnicos, ao aprimoramento das estratégias de domínio sobre a natureza, sem menção relevante ao universo da sociabilidade humana, com suas matrizes culturais, sua interação espontânea e padrões normativos. Ora, o que se configura aqui é uma redução semântica do termo *modernidade*: ela se refere meramente ao avanço da tecnologia e ao incremento dos dispositivos produtivos. Portanto, o que se opera no discurso é a cesura da modernidade em duas vertentes, conforme a perspectiva de Habermas: *racionalidade instrumental* (aparato cognitivo da modernidade social, ligada à economia, às forças produtivas, à administração burocrática, à ciência, ao *mundo sistêmico*) e *racionalidade comunicativa* (atinentes à modernidade cultural, cujos diversos desdobramentos - cidadania, interlocução lingüística, ética, bens artísticos - comporiam o *mundo vivido*). Enquanto aquela concerne à eficiência e carrega um substrato nitidamente funcional e monolítico, este comporta a dimensão emancipatória da razão, pondo

na ordem do dia a autonomia dos indivíduos. (Para maior aprofundamento sobre a crítica da modernidade e a cisão razão instrumental/razão comunicativa, cf. Rouanet (1987 e 1993); e Oliveira (1993 e 1996). Se nos detivermos brevemente no título do fragmento supracitado (*Tudo marcha para a frente*), nota-se que o viés instrumental aparece contemplado, ao passo que a perspectiva de uma intersubjetividade comunicativa é negligenciada: o vocábulo *tudo* exclui a possibilidade de qualquer exceção, divergência ou simples variante – é a humanidade, em sua completude, que se põe em movimento na direção do progresso; o verbo *marcha* (ponto nodal da assertiva), utilizado em lugar de supostos termos homônimos (caminha, segue, avança) e empregado no tempo presente, evoca um conteúdo litúrgico-marcial, implica passos executados em uníssono e harmonicamente. O apelo holístico dessa *marcha* remete a uma imagem de peregrinação incessante ou de hoste militar, na qual o arbítrio individual é manietado e subsumido pelo desígnio coletivo, ou o desiderato cósmico.

9 Câmara Cascudo, em seus estudos acerca de costumes e tradições populares no Brasil, percebeu com agudeza a coesão simbólica exercida pela refeição coletiva que, segundo ele, guarda indícios de uma prática imemorial e disseminada em diversas culturas e épocas. Para fins deste texto, interessa reter, das análises do grande folclorista, a perspicácia de examinar certas aproximações e convergências que atravessam povos distantes no espaço e no tempo: “Andei pesquisando a simbologia da alimentação como elemento de fixação. Comer estabelece um vínculo obrigacional que outrora possuía significação sagrada. Certos vestígios denunciam como era poderosa a tradição. [...] *Ainda dizemos comer no mesmo prato* como significação de igualdade, hábitos e gostos idênticos. O cúmulo da ingratidão é *comer e cuspir no prato*. De comer juntos o pão veio o ‘companheiro’: *cum panis* (com o pão) com a sinonímia francesa de *compagnon, compaign, compain, copain, copan*. [...] No encontro de Kaesong, em julho de 1951, entre os americanos e coreanos do sul com os coreanos do norte e chineses, havia na sala da conferência, numa mesa, frutas e bebidas. Os jornais salientavam que os americanos e coreanos do sul nada aceitavam. Não se come com o inimigo. A comida é um pacto, uma aliança tácita de cordialidade afetuosa” (CASCUDO, 2001, p. 218-219) [grifos no original].

10 Durante um certo tempo houve forte dúvida acerca da responsabilidade pelo ataque às belonaves nacionais, chegando-se, inclusive, a supor uma investida aliada (de procedência inglesa ou norte-americana) como forma de acelerar a entrada do Brasil no conflito. Atualmente se sabe que as hostilidades partiram de fato das forças alemãs, evidência corroborada pela documentação apreendida pelos Aliados no término da guerra.

11 A expressão *equidistância pragmática* é tributária de Gerson Moura e se refere à habilidosa política externa do governo Vargas de manter o país numa zona de neutralidade nos primeiros anos da Segunda Grande Guerra. A pressão norte-americana constituiu o fiel da balança que dispôs o Estado Novo em favor dos Aliados, já no final de 1941, em troca de valiosas barganhas, como o reequipamento das Forças Armadas e a construção da usina siderúrgica de Volta Redonda. Para uma análise percuciente da questão, cf. Bandeira, (1973), Moura, (1993), e Pinheiro (1995).

12 Convém esclarecer uma distinção comumente ignorada, porém relevante, entre americanismo e americanização, faces convergentes mas não idênticas de um processo de hegemonia cultural e econômica dos Estados Unidos, construído sobre o continente extremo-ocidental e depois consolidado em escala planetária: "o americanismo, entendido aqui como uma ideologia programática, em que o sufixo *-ismo* tinha se transformado num poderoso armamento intencional, com o claro objetivo de suplantar outros *-ismos*, autóctones ou não. A americanização foi o processo de implantação dessa ideologia nas 'culturas mais débeis' da América Latina" (TOTA, 2000, p. 19).

13 Renato Ortiz salienta esta redefinição de paradigmas, a partir da crescente preponderância norte-americana nos veículos de comunicação de massa: "Não se pode esquecer que os anos 40 marcam uma mudança na orientação dos modelos estrangeiros entre nós. Os padrões europeus vão ceder lugar aos valores americanos, transmitidos pela publicidade, cinema e pelos livros em língua inglesa que começam a superar em número as publicações de origem francesa. Publicações como a Revista da Semana, que se pautava por uma ligação tradicional com o mundo lusíada e europeu, vão aos poucos substituir o interesse pelos destinos da família real austríaca, a princesa Guise, o casamento de Anne na Inglaterra, pelas estrelas de Hollywood. Os padrões de orientação vigentes são, portanto, os do mundo do *star system* e do *american broadcasting*" (ORTIZ, 1994, p. 71).

14 "Concomitante ao aburguesamento comercial e à constituição do mercado de trabalho assalariado urbano em Fortaleza, afloraria também uma crescente necessidade de consumo de novidades demandadas pelo ocidente europeu, matriz do capitalismo que então se internacionalizava. Se da Inglaterra desembarcava muito do que era importado pelo Brasil – sobretudo maquinaria –, os artigos de luxo e os valores filosóficos e comportamentais vindos da França davam o tom de elegância e civilidade às novas sociedades urbanas desejosas de alinhamento com os padrões de modernidade. Daí a emergência de uma onda de afrancesamento que recobriu as relações sociais nas principais cidades brasileiras, entre o final do século passado e primeiras décadas do atual (a partir dos anos 20 já apareceriam as primeiras referências de um americanismo no país)" (PONTE, 1999, p. 142).

15 "A expansão norte-americana é, neste período [o pós-guerra], a grande rival da influência cultural francesa. Ela é de tipo novo, incorpora as novas formas de comunicação, especialmente o cinema, o que lhe permite disputar também a hegemonia cultural dentro da sociedade brasileira: ela seduz a todos, reservando a cada um uma parte de sonho e de realidade dentro do seu *american way of life*. Ao contrário da influência francesa que se realiza sobretudo na literatura, no modelo de educação, no teatro, nas operetas, nos produtos de luxo e no próprio conhecimento da língua – trata-se de um discurso que pretende ser moderno, trazendo o progresso, não pretendendo ser 'civilizador'" (SUPPO, 1995, p. 87).

16 Antonio Pedro Tota chega mesmo a asseverar que o interesse das elites brasileiras pela modernização norte-americana ganhou impulso num evento que tinha por objetivo expor ao mundo as maravilhas da tecnologia, associando o padrão de vida americano a uma irresistível mescla de conforto, progresso material e ambiente urbano-industrial. Tão importante quanto o evento foi a sua divul-

gação no Brasil, estratégia em que o rádio ocupou um lugar preponderante: “A Feira Internacional de Nova York fez a ponte entre o lúdico e a técnica. Abriu, no meio da maior crise do capitalismo, uma imensa vitrine de bugigangas para os visitantes do mundo todo. Os brasileiros que lá estiveram depois de abril de 1939, ou que viram nas páginas dos jornais e revistas brasileiros daqueles dias, mal podiam conter a admiração. Ficaram atônitos diante de aparelhos de barbear, de máquinas de lavar roupas, primitivos aparelhos de televisão e robôs. Enfim, os *gadgets* exerceram tamanho fascínio que quando eles voltaram para o Brasil trouxeram na bagagem a idéia de que a modernização de nosso país passava por esse verdadeiro ‘sistema de objetos’ que se dá em termos de triunfo mitológico do moderno objeto” (TOTA, 1993, p. 209).

5. Referências

ARAÚJO, Erick Assis de. *Conservadorismo e desordem na cidade de Fortaleza (1940-1945)*. Recife: UFPE. 1995. (Dissertação de Mestrado).

AZEVEDO, Stênio (Coord.) & Nobre, Geraldo (Colab.) *O Ceará na Segunda Grande Guerra*. Fortaleza: ABC. 1998.

BANDEIRA, Moniz. *Presença dos Estados Unidos no Brasil (Dois séculos de história)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1973.

BAUDRILLARD, Jean. *O sistema dos objetos*. São Paulo: Perspectiva, 1993.

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Cia. das Letras. 1986.

BRESCIANI, Maria Stella. Cidades: espaço e memória. In.: *O direito à memória: patrimônio histórico e cidadania*. São Paulo: Departamento de Patrimônio Histórico. 1992.

CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Cia. das Letras. 1990.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Superstição no Brasil*. (4ª ed.) São Paulo: Global. 2001.

CHABLOZ, Jean-Pierre. *Revelação do Ceará*. Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto. 1993.

COGGIOLA, Osvaldo (Org.). *Segunda Guerra Mundial: um balanço histórico*. São Paulo: Xamã / EdUSP. 1995.

CYTRYNOWICZ, Roney. *Guerra sem guerra: a mobilização e o cotidiano em São Paulo durante a Segunda Guerra Mundial*. São Paulo: Geração Editorial / EdUSP. 2000.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. *Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX*. (2ª ed.) São Paulo: Brasiliense. 1995.

FIRMEZA, Nilo (Estrigas). A Guerra – O Ceará – A Arte. In.: *Fortaleza Tempos de Guerra*. Fortaleza: Secretaria de Cultura, Turismo e Desporto do Estado do Ceará. 1989.

GALENO, Alberto. *A praça e o povo: homens e acontecimentos que fizeram a história da praça do Ferreira*. Fortaleza: Stylus Comunicações. 1991.

GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In.: *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo: Cia. das Letras. 1991.

GIRÃO, Blanchard. *O liceu e o bonde – na paisagem sentimental da Fortaleza-província*. (2ª ed.) Fortaleza: ABC. 1997.

HOBBSAWM, Eric J. & Ranger, Terence (Org.). *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1984.

_____. *Era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)*. São Paulo: Cia. das Letras. 1995.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. (26ª ed.) São Paulo: Cia. das Letras. 1995.

JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota. O lazer em Fortaleza: 1945-1960. In.: *Cadernos do NUDOC*. Fortaleza: UFC / NUDOC, Série História, nº 18. 1996.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. (4ª ed.) Campinas: EdUNICAMP. 1996.

LENHARO, Alcir. *Sacralização da Política*. (2ª ed.) Campinas: EdUNICAMP / Papyrus. 1986.

LOPES, Marciano. *Royal Briar: a Fortaleza dos anos 40*. (4ª ed.) Fortaleza: ABC. 1996.

MARTINELLO, Pedro. A “batalha da borracha” na Segunda Guerra Mundial e suas conseqüências para o vale amazônico. In.: *Cadernos UFAC*. Rio Branco: UFAC, Série Estudos e Pesquisas, nº 01. 1988.

MONTENEGRO, João Alfredo de Sousa. Integralismo e catolicismo. In.: Souza, Simone (Coord.) *História do Ceará*. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará/Fundação Demócrito Rocha / Stylus Comunicações. 1989.

_____. *O trono e o altar: as vicissitudes do tradicionalismo no Ceará (1817-1978)*. Fortaleza: BNB. 1992.

MOURA, Gerson. *Tio Sam chega ao Brasil – a penetração cultural americana*. (3ª ed.) São Paulo: Brasiliense. 1986.

MOURA, Gerson. Neutralidade dependente: o caso do Brasil, 1939-1942. In.: *Revista Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, v. 06, nº 12. 1993.

NORA, Pierre. 1993. Entre história e memória: a problemática dos lugares. In.: *Projeto História*. São Paulo: EdUC, nº 10.

OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. *Ética e racionalidade moderna*. São Paulo: Loyola. 1993.

_____. *Reviravolta lingüístico-pragmática na filosofia contemporânea*. São Paulo: Loyola. 1996.

ORTIZ, Renato. *A moderna tradição brasileira: cultura brasileira e indústria cultural*. (5ª ed.) São Paulo: Brasiliense. 1994.

PINHEIRO, Letícia. A entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial. In.: *Revista USP*. São Paulo: EdUSP, nº 26. 1995.

PONTE, Sebastião Rogério. *Fortaleza Belle Époque: reformas urbanas e controle social (1860-1930)*. (2ª ed.) Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha. 1999.

PRADO, Maria Lígia Coelho. *Ser ou não ser um bom vizinho: América Latina e Estados Unidos durante a Guerra*. In.: *Revista USP*. São Paulo: EdUSP, nº 26. 1995.

ROUANET, Sergio Paulo. *As razões do Iluminismo*. São Paulo: Cia. das Letras. 1987.

_____. *Mal-estar na modernidade: ensaios*. São Paulo: Cia. das Letras. 1993.

SARLO, Beatriz. *Paisagens imaginárias: intelectuais, arte e meios de comunicação*. São Paulo: EdUSP, 1997.

SCHILLING, Voltaire. *EUA x América Latina: As etapas da dominação*. (3ª ed.) Porto Alegre: Mercado Aberto, Série Revisão, nº 12. 1989.

SOUZA, Simone et al. *Fortaleza: a gestão da cidade (Uma história político-administrativa)*. Fortaleza: Fundação Cultural de Fortaleza. 1995.

SUPPO, Hugo. Intelectuais e artistas nas estratégias francesas de propaganda cultural no Brasil (1940-1944). In.: *Revista de História*. São Paulo: Depto. de História da USP, nº 133. 1995.

THOMSON, Alistair. Recompondo a memória: questões sobre a relação entre a história oral e as memórias. In.: *Projeto História*. São Paulo: EdUC, nº 15. 1997.

TOTA, Antonio Pedro. Americanização no condicional: Brasil nos anos 40. In.: *Perspectivas – Revista de Ciências Sociais*. São Paulo: EdUNESP, v. 16. 1993.

_____. *O imperialismo sedutor: a americanização do Brasil na época da Segunda Guerra*. São Paulo: Cia. das Letras. 2000.

UNITÁRIO. Fortaleza, 30 de jun. 1942.

_____. Fortaleza, 28 de jul. 1942.

_____. Fortaleza, 12 de ago. 1942.

VIEIRA, Maria do Socorro Gomes. O soldado da borracha – discurso da migração numa economia de guerra. Fortaleza: UFC, 1993. (monografia).

Abstract

The text broach the influences and effects of World War II in Fortaleza, emphasizing its cultural aspects and quotidian. The impact of the conflict upon the city, caused the appearing of new behaviours, consumption customs, war atmosphere and bombing threat, as well as it worsened incipient cultural trends in the end of the 30's - americanization, the influence of Hollywood, the defense of traditional morality, and the increased value of modern ideal by local elite.

Key Words: Fortaleza, World War II, quotidian, city, americanization, cinema, morality, tradition, modernity.